



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**REVELANDO AS CARTAS DE TEODORA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO
EM HQ SOBRE A MULHER NEGRA NUMA SÃO PAULO OITOCENTISTA (1840 –
1890)**

LUIZ GABRIEL ALMEIDA DOS SANTOS

SÃO CRISTÓVÃO-SE

ABRIL DE 2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**REVELANDO AS CARTAS DE TEODORA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO
EM HQ SOBRE A MULHER NEGRA NUMA SÃO PAULO OITOCENTISTA (1840 –
1890)**

LUIZ GABRIEL ALMEIDA DOS SANTOS

Artigo Científico entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Petrônio José Domingues

**SÃO CRISTÓVÃO-SE
ABRIL DE 2024**

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste Trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda de diversas pessoas que foram importantes durante a minha trajetória, dentre as quais agradeço:

Primeiramente a Deus e a força que ele me concedeu para chegar até aqui. Além de Deus, também sou grato a minha família que sempre me apoiou em todos os momentos de luta e desânimo. Digo obrigado, também, aos meus pais, pois até aqui eles sempre me apoiaram e me deram muita confiança.

Ao meu orientador Petrônio Domingues, que durante estes seis meses vem me orientado e acompanhando de maneira muito pontual. Agradeço por sempre me auxiliar e tirar minhas dúvidas sobre o trabalho aqui desenvolvido.

Agradeço também a todos os professores do curso de História (licenciatura), que através dos seus ensinamentos permitiram que eu pudesse hoje estar concluído este curso. Agradeço especialmente ao professor e amigo Rafael Costa Prata, mesmo não sendo meu orientador você me inspirou bastante sobre como ser um bom educador.

Agradeço aos meus amigos, tanto os amigos que fiz durante meu período universitário quanto aos amigos que tenho desde a minha infância e adolescência. Aos meus amigos de infância, pela compreensão das minhas ausências e afastamento temporário (agora posso voltar a jogar bola). Aos amigos da universidade, eu agradeço por estarem sempre ao meu lado, me ajudando e me proporcionando boas risadas. Em especial, agradeço a Deisy e Lívia, minha grande dupla e amigas em todos os trabalhos. Sou grato também a cacheada com baixa estatura mais bela que eu conheço, a senhora Maynara, que tem os mais belos atributos que uma namorada pode possuir, sendo um deles, manter minha calma e confiança durante a elaboração do TCC (ela é mais ansiosa que eu).

Resumo

O propósito deste estudo é desenvolver uma análise historiográfica sobre a história em quadrinhos Mukanda Tiodora, visando assim passar por todos os possíveis pontos de análise, traçando então quais contextos a HQ foi desenvolvida e como as subjetividades influenciam o autor Marcelo d'Saete. Tentaremos discorrer sobre a obra dentro de dez tópicos, desde a introdução até a conclusão, desenvolvendo de maneira objetiva e clara cada um deles. Para entender historiograficamente o contexto da obra, a cidade de São Paulo oitocentista e como as mulheres negras ali viviam, recorreremos aos seguintes textos: *Sonhos africanos, vivencia ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888)* (1998) e o *Segundo Teodora dias da cunha construindo um lugar para si no mundo da escrita e da escravidão* (2012) todos eles da professora e pesquisadora Maria Cristina Wissenbach. Por fim, é esperado que ao final das observações aqui efetuadas venhamos perceber a obra também como um objeto historiográfico, sendo algo que apresenta para nós a realidade das mulheres negras durante o século XIX.

Palavras-chave: Análise historiográfica. Mulher. História em quadrinhos. Teodora. Carta

Abstract

The purpose of this study is to develop a historiographical analysis of the comic book *Mukanda Tiodora*, thus aiming to go through all possible points of analysis, outlining which contexts the comic was developed and how subjectivities influence the author Marcelo d'Saete. We will try to cover the work in ten topics, from the introduction to the conclusion, developing each of them in an objective and clear way. To historiographically understand the context of the work, the nineteenth-century city of São Paulo and how black women lived there, we resorted to the following texts: *African dreams, experience ladinhas: slaves and freedmen in São Paulo (1850-1888)* (1998) and *the second Teodora Dias da Cunha building a place for herself in the world of writing and slavery* (2012) all of them by professor and researcher Maria Cristina Wissenbach. Finally, it is expected that at the end of the observations made here, we will also perceive the work as a historiographical object, being something that presents to us the reality of black women during the 19th century.

Keywords: Historiographic analysis. Woman. Comic. Teodora. Letter

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Imagem De Teodora narrando o que claro precisa escrever	21
Figura 2 Imagem da Conversa entre Luiz Gama e José Ferreira.....	22
Figura 3 Imagem do embate entre Benedito e Caetano.....	23
Figura 4 Momento em que Benê chega ao cafezal.....	24
Figura 5 Momento que Inocêncio descobre sobre sua mãe.....	25
Figura 6 Teodora recebendo a carta de Inocêncio	26
Figura 7 Carta de Teodora para o seu Marido	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Obras e prêmios do Marcelo d'Saete	11
Tabela 2 Tabela sobre o tipo, quantidade e origem das fontes secundarias	35

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2	BIBLIOGRAFIA:	11
2.1	Um apanhado geral sobre o autor, obras e premiações:	11
2.2	Aprofundando um pouco mais nas motivações e vivências do autor	12
3	CONTEXTO HISTÓRICO DO BRASIL E DO MUNDO NO MOMENTO DA PUBLICAÇÃO OBRA:	13
4	REPERCUSSÃO DA OBRA:	18
5	SÍNTESE DA OBRA.....	20
6	FONTES DA OBRA	27
7	REFERENCIAL TEÓRICO:.....	36
8	MULHERES NA CIDADE DE SÃO PAULO NO SÉCULO XIX.....	41
9	HQ E SEUS USOS COMO FONTE E OBJETO HISTORIOGRÁFICO	45
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diante das atuais adversidades que a população negra vem passando, surge em 2022 algo que vai de encontro aos famosos discursos de uma elite branca, racista e também patriarcal: a HQ Mukanda Tiodora, elaborada pelo artista plástico Marcelo d'Salete. A obra nos apresenta um cenário muito peculiar, a cidade de São Paulo durante o século XIX, mais precisamente o período entre 1850 até 1900, um marco que apresenta para nós os últimos ruídos do sistema escravista e as adversidades que a população negra, aqui em especial as mulheres, passaram durante esse momento de transição.

É dentro desse cenário que Teodora Dias da Cunha estará inserida, uma mulher negra e escrava, foi separada do seu marido devido ao comércio interno de escravos e chegou ao Brasil ainda em meados de 1800, devido ao tráfico do atlântico. Assim como a história de muitas mulheres da época, Teodora busca meios de conseguir sua alforria, do seu filho e marido, para que possa assim reunir sua família novamente. Ela recorre então ao envio de cartas e seu principal aliado é o escravo de ganho chamado Claro Antônio, um negro letrado. Apenas com essa breve sinopse, conseguimos vislumbrar um pouco do real intuito da obra: abordar como os negros possuíam formas variadas de lutar contra a escravidão, dando ênfase aqui as mulheres.

Portanto, o trabalho aqui apresentado tem como premissa desenvolver uma análise historiográfica sobre a obra Mukanda Tiodora, tal observação passará por todas as esferas possíveis acerca da produção, lançamento e impacto da obra, além da sua relevância dentro do contexto histórico atual. Diante disso, dividimos esse trabalho de conclusão de curso dentro de dez tópicos, com o intuito de produzir reflexões bem destrinchadas sobre cada importante aspecto da HQ.

O primeiro tópico será sobre a bibliografia do autor. Pois, como toda obra, Mukanda Tiodora, possui muito das subjetividades e vivências do seu criador, fazendo-se de extrema importância dedicar uma seção desse texto ao D'Salete. Aqui iremos tratar sobre sua infância, estudos, relações familiares, formação acadêmica e referências enquanto autor e desenhista, algo que irá impactar totalmente na sua forma de produzir histórias.

Logo em seguida, teremos um pouco sobre o contexto histórico da obra e a repercussão. Serão dois tópicos, onde no primeiro iremos observar o momento em que a HQ foi produzida e dentro de quais problemáticas ela será publicada, adianto logo, que abordaremos assuntos como: a Lei de cotas (12.711/2012) e a lei 10.639, além da criação da Coalizão Negra por

Direito. Em seguida vamos falar sobre a repercussão, abordando acerca das premiações e críticas que a obra recebeu.

Além disso, teremos também uma área reservada somente para apresentar uma síntese da HQ. Nesse tópico em questão, iremos explanar de forma clara e objetiva cada capítulo da obra Mukanda Tiodora, para que possamos assim ter uma ideia de como a trama é desenvolvida, seu ápice e por fim, como ocorre o seu desfecho. Logo após, o tópico seis ficará encarregado de abordar sobre as fontes, ou seja, as cartas de Teodora que tinham como destino o seu marido e filho Inocência. Aqui, além das imagens anexadas trouxemos também as transcrições das cartas, algo que enriqueceu ainda mais a pesquisa.

A partir daqui, entre os tópicos sete e nove entramos em assuntos mais teóricos, visando assim apresentar algumas conclusões e teses que sustentam nossa análise historiográfica da obra aqui observada. Disto isso, iniciaremos abordando quais foram os Referenciais Teóricos que o Autor utilizou em sua HQ. Nesse sentido, dedicaremos o sétimo tópico a tratar das pesquisas da professora de História, residente na Universidade de São Paulo (USP) Maria Cristina Wissenbach e dos seus textos: *Sonhos africanos, vivência ladinhas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888)* e o *Segundo Teodora dias da cunha construindo um lugar para si no mundo da escrita e da escravidão*.

As teses da professora Maria Cristina serão de suma importância para desenvolver o nosso referencial teórico, visto que ela auxiliou o Marcelo d'Saleta durante a elaboração da HQ. Dessa forma, tanto sua tese de mestrado, quanto o seu artigo aqui analisado, serão obras que abarcam a realidade retratada por Marcelo. Posterior ao referencial teórico desenvolveremos de forma sucinta sobre as mulheres na cidade de São Paulo durante o século XIX, partindo dos pressupostos das suas vivências, dificuldades, subjetividades e contextos dos quais estavam inseridas. Nesse tópico abordaremos sobre as mudanças que a lei do ventre livre promoveram na sociedade urbana e como a elite escravista, vendo assim seu sistema ruir, desenvolveu mecanismos para manter a população negra debaixo da sua dominação.

Portanto, os tópicos sete e oito tem como objetivo mostrar que mesmo diante de um sistema agressivo, que reprime e objetifica o negro, as mulheres dessa época buscavam formas de sobreviver e manter suas famílias. Os negros não eram apenas agenciados pelo sistema, mas tinham total noção da difícil realidade em que estavam inseridos e buscavam assim, por meio do comércio, redes de apoio ou até mesmo formas ilegais de sobreviver e manter seus entes.

Chegando agora na parte final do trabalho, trataremos no penúltimo tópico sobre o uso das Histórias em Quadrinhos, tanto como fonte quanto como objeto histórico e quais as formas de tratar tal literatura de acordo com o seu direcionamento metodológico. Além disso, abordaremos sobre a importância dos quadrinhos enquanto formadores e representações das subjetividades presentes no mundo real, e como tal movimento artístico representa fatos históricos e os usa como base para suas narrativas. Ademais, o último tópico será onde iremos encerrar nossas análises, mostrando assim em quais conclusões chegamos e a importância da análise historiográfica efetuada aqui.

2 **BIBLIOGRAFIA:**

2.1 **Um apanhado geral sobre o autor, obras e premiações:**

Natural de São Bernardo do Campo, São Paulo, Marcelo d'Saete nasceu em 1979. É um autor de histórias em quadrinhos, ilustrador e Professor. Possui graduação e é mestre em artes plásticas e estudou também designer gráfico. Entre suas obras, se destacam: o álbum Cumbe (Veneta, 176 páginas, 2014), Angola Janga – Uma história de Palmares (Veneta, 432 páginas, 2017) e Mukanda Tiodora (Veneta, 160 páginas, 2022) que será a obra aqui analisada.

Continuando, além de ter publicado várias obras voltadas para pautas raciais, o autor foi amplamente premiado por suas publicações. A Tabela 1 mostra algumas das suas obras e honrarias:

Tabela 1 Obras e prêmios do Marcelo d'Saete

Obras	Premiações
Mukanda Tiodora	Prêmio Grampo de Ouro 2023, Troféu HQMIX 2023 - Arte-finalista Nacional e Desenhista Nacional e Prêmio Jabuti 2023 - categoria quadrinhos

Angola Janga

Prêmio Jabuti 2018 - categoria quadrinhos (ficou entre os 10 finalistas), Prêmio Grampo Ouro 2018, Prêmio HQMIX 2018 - desenhista, roteirista, destaque internacional e edição especial nacional, Rudolph Dirks Award 2019 - Roteiro América do Sul, Selecionado pelo programa Proac 2016, Selecionada no Plano Nacional do Livro Didático Literário 2018 e Selecionada no Plano Nacional de Leitura (LER+), Portugal 2019

Cumbe

Eisner Awards 2018 (Run for it, Fantagraphics, 2017), Prêmio HQMIX 2019 - Destaque internacional, Selecionado pelo programa Proac 2013, Selecionada no Plano Nacional do Livro Didático Literário 2018 e Selecionada no Plano Nacional de Leitura (LER+), Portugal 2016

Fonte: D'SALETE (2024)

2.2 Aprofundando um pouco mais nas motivações e vivências do autor

Sendo de uma família comum e simples, Marcelo d' Salete viveu boa parte da sua infância e início da adolescência como qualquer outra criança da sua idade. Seu pai Claudio, já falecido, trabalhou por muito tempo como Torneiro mecânico e depois Eletricista. Já sua mãe, iniciou sua vida trabalhista atuando como faxineira, depois se tornou professora de educação infantil e enfermeira. É nesse contexto, que o autor terá seu primeiro contato com Histórias em Quadrinhos, principalmente devido a sua vivência junto com seu irmão mais velho Marcos, que já tinha o costume de ler HQs sendo elas de super-heróis e da Turma da Mônica. Posteriormente, além de ler, Salete passou também a desenhar (D'SALETE, 2021).

Adentrando um pouco mais em sua vida educacional e profissional, Marcelo frequentou majoritariamente escolas públicas durante o Ensino Fundamental. Ao ingressar no Ensino Médio, ele cursou o técnico de Designer Gráfico, na Escola Carlos de Campos. Foi esse o seu primeiro curso voltado para o desenho, pois antes ele era um autodidata e aprendia a desenhar observando e copiando os traços de outros ilustradores.

Dito isso, ocorreu então nesse contexto sua decisão em seguir a carreira como Designer de histórias em quadrinhos. Ele também afirma que seu maior impacto com o mundo dos quadrinhos ocorreu durante o curso técnico, onde alguns amigos trouxeram HQs de vários estilos e traços diferentes, eram essas histórias de origem europeia, americana e brasileira.

Marcelo relata também que começou a trabalhar muito cedo, ainda entre os 14 e 15 anos devido a situação de desemprego do seu pai por causa das políticas econômicas do governo Color, sendo o seu primeiro trabalho como office-boy no antigo sindicato dos ambulantes (D'SALETE, 2021). Posteriormente, já entre seus 17 e 18 anos ele iniciará a graduação em Artes Plásticas, na Escola de Artes da Universidade de São Paulo – ECAUSP (D'SALETE, 2021).

Dando continuidade, foi nesse momento que ele atuou pela primeira vez na sua área de estudos, trabalhando em uma ilustradora de livros didáticos na Vila Maria. Marcelo diz que a rotina para conciliar estudos e trabalho foi algo que sempre esteve presente em sua vida desde os 14 anos. Atualmente, além de Graduado, Marcelo também é professor de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo – USP e Mestre em Estética e História da Arte, também pela Universidade de São Paulo – USP, com o trabalho: *A configuração da curadoria de arte afro-brasileira de Emanuel Araújo, em 2009* (D'SALETE, 2021).

3 CONTEXTO HISTÓRICO DO BRASIL E DO MUNDO NO MOMENTO DA PUBLICAÇÃO OBRA:

O ano de 2022, período da publicação da obra aqui analisada, foi marcado por muitas mudanças, polarização, morte de figuras importantes e conflitos. Partindo do pressuposto, que a sociedade é como um organismo, onde todas as esferas se interligam e atuam como uma engrenagem, cada âmbito desses citados anteriormente contribuíram para que possamos observar o contexto e as possíveis motivações para a elaboração da HQ Mukanda tiodora.

Na área política, é interessante iniciar falando sobre a polarização que estava ocorrendo no Brasil desde 2018, com a ascensão de ideias conservadoras e de um forte representante desses pensamentos, o até então presidente Jair Messias Bolsonaro. Dito isto, após alguns processos jurídicos e políticos, o na época ex-presidente Lula, conseguiu concorrer à presidência, sendo o representante da esquerda no Brasil. Ao fim e após um segundo turno muito disputado, Luiz Inácio Lula da Silva volta à presidência, aos 78 anos, para o seu 3º mandato.

É importante salientar, que devido as eleições o processo de combate as Fake News se tornou ainda mais forte. A luta contra a disseminação de notícias falsas já vinha sendo muito importante durante a pandemia de COVID-19, devido as divergências políticas e aos ataques contra parlamentares e candidatos, principalmente por redes sociais. Além desse combate, já

em um âmbito mais político-econômico, ocorreu a privatização da Eletrobras, umas das primeiras grandes estatais do Brasil, indicando um rumo econômico mais neoliberal.

Saindo um pouco do Brasil e focando em acontecimentos no mundo como um todo, algo que podemos iniciar para ter uma visão geral é a ascensão de governos conservadores na Europa. A Itália com Meloni, a Suécia com os Democratas Suecos e na França com o Manire Le Pen (que deu muito trabalho no segundo turno para o atual presidente Emmanuel Macron).

Todo esse cenário nos apresenta uma Europa cada vez mais conservadora e polarizada, refletindo então na invasão da Rússia aos territórios ucranianos, com o argumento de defender as repúblicas separatistas do Donbass, no leste da Ucrânia. Um fato que atraiu a atenção de todo o mundo e abriu uma possibilidade: será possível ocorrer uma 3ª Guerra Mundial?

Além disso, ocorreu o falecimento de uma das figuras mais icônicas da atualidade, a Rainha Elizabeth II, onde todo o mundo resolveu prestar suas homenagens e lamentar uma perda tão importante. Ainda sobre a rainha, após sua morte vazaram fotos e relatos onde afirmavam que não apenas ela, mas a sua família como um todo, possuíam praticas racistas. Ademais, saindo da Europa e indo para Ásia, nesse clima de conflito e polarização a China inicia algumas ameaças contra Taiwan, ilha que é desejo chinês desde o século passado.

Apesar dos acontecimentos mencionados anteriormente, o ano de 2022 foi de Copa do Mundo. Sediada pela primeira vez em um país do Oriente Médio, Catar. A FIFA sofreu várias críticas direcionadas aos reais motivos da competição ser sediada em um país com pouca relevância para a história do futebol, sendo a única possível justificativa: os maiores empresários do meio futebolístico serem de origem árabe. Argentina campeã e Brasil derrotado nas quartas finais, além dessa derrota os brasileiros sofreriam outra muito maior, a morte do rei do futebol, o “Rei Pelé”.

O ano de 2022 foi marcado também por muitos episódios de racismo seja no esporte, meio musical ou com pessoas comuns. É interessante imaginar como um país cujo rosto principal no exterior é um homem preto e da periferia (Pelé) será extremamente agressivo com cidadãos negros, chegando a ser algo irônico se pararmos para analisar. Dito isso, um dos mais brutais e comoventes casos foi a morte de Genivaldo dos Santos, um homem preto, pobre e com psicopatologia morto por policiais da Polícia Federal – PF, asfixiado dentro do porta malas do carro.

Além desse caso, ocorreu também o assassinato de Moïse Kabamgabe, Congolês que trabalhava em um quiosque na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Já em Porto Alegre, durante um show o cantor negro Seu Jorge sofreu muitos ataques e insultos racista. As ofensas ocorreram após o músico expor sua opinião contra a redução da Maioridade Penal. Por fim, partindo rumo a Espanha, país onde as pautas raciais são muito negligenciadas, o Jogador brasileiro Vinicius Junior que atualmente joga no Real Madrid, passou a sofrer com muitos insultos racistas durante os jogos e nas redes sociais.

Em 2022 também, é o período em que se completa 19 anos da lei 10.639, que institui a obrigatoriedade do ensino das temáticas da história e cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio. Em 2003 essa lei foi algo que representou um rompimento com o modo de ensino que privilegiava os temas eurocêntricos e do homem branco, tratando os negros como simples agenciados e desprezando assim a importância da população negra para a formação identitária e étnica do Brasil. Portanto, a partir de 2003 tal cenário sofreu uma mudança e os negros foram inseridos nas temáticas de ensino.

Entretanto, como apontado pelo Leonor Franco (2021) apesar de existir o dispositivo legal que obriga o ensino dessa temática não é isso o que ocorre na prática. Infelizmente, mesmo após duas décadas de criação da lei 10.639/2003 o ensino de história e cultura afro brasileira se limita muito, dentro de toda a sua potencialidade. De acordo com o autor, é preciso que os órgãos governamentais fiscalizem e incentivem os professores a desenvolver mais conteúdos e didáticas voltadas para o ensino desse tema, Leonor afirma em seu texto:

Não há mais necessidade de se fazer Leis e documentos para a efetivação da Educação das Relações Étnico-raciais nas escolas brasileiras, o que se precisa é vontade política dos executivos federal, estaduais e municipais, e um monitoramento e cobrança mais rigorosa das instâncias responsáveis pela fiscalização do cumprimento da Lei 10639. (ARAUJO, 2021, p. 14)

Ou seja, como dito na citação acima, a lei já existe e foi uma grande conquista, algo para ser comemorado e lembrado sempre. Entretanto, o problema é a aplicação dessa lei buscando romper com a visão comum de apenas desenvolver atividades voltadas para tal temática em datas comemorativas, não explorando ao máximo a capacidade educativa e de formação educacional e social que esse tema tem.

Além disso, é interessante que venhamos nos lembrar que o processo de fim da escravidão no Brasil possui apenas 136 anos, algo que foi abolido praticamente no início do século passado. Ainda existe uma elite que deseja manter esse mecanismo escravocrata, mesmo

que com novas roupagens, seja na esfera trabalhista, econômica ou educacional. Ou seja, quando começamos a analisar todo o trajeto de luta e conquistas, da população negra, conseguimos perceber que tudo ainda é bastante recente, e infelizmente o sistema escravista ainda está enraizado em nossa sociedade.

Ainda que pesquisas atuais apontem que os efeitos dos vinte anos dessa legislação sejam pouco expressivos no âmbito da educação escolar, o que certamente constitui alerta e elemento de denúncia, é sempre importante lembrar que a própria experiência escravista brasileira durou bem mais de 300 anos e que, em 2023, completamos 135 anos de sanção da Lei Áurea e o fim da escravidão. Em um país marcado por uma história de exclusão das suas populações negras e indígenas de direitos fundamentais, é sempre importante relembrar que mudanças estruturais enfrentam a resistência de pessoas, grupos e instituições, como as escolas, que também se constituíram historicamente por valores civilizatórios que são reiterados e reformulados pela cultura escolar. (SILVA, 2023, p. 2)

Também é nesse ano que a Lei nº 12.711/2012, que institui em seu artigo 2º a obrigatoriedade de vagas em instituições federais de ensino superior a pessoas negras, pardas, indígenas e quilombolas, completa 10 anos. Contudo, desde 2016 podemos observar, segundo Gomes (2021) uma tentativa de sucatear esse direito de ingresso das populações mais abastardas nas universidades federais.

É interessante observar que muitos dos discursos contra a pauta das cotas, tem como base o negacionismo da existência do racismo e da pluralidade étnica no Brasil. Tal pensamento foi amplamente difundido na sociedade brasileira desde o início do século passado, um grande pensador que espalhou tal ideia foi Gilberto Freyre (2003), em seu livro *Casa Grande & Senzala*, onde que – sem querer aprofundar muito – o autor afirmar sua tesa de mestiçagem pacífica, algo que já foi derrubado a partir de estudos atuais.

Entretanto, mesmo após pesquisas e comprovações das dicotomias entre a realidade de pretos e brancos esse discurso voltou, principalmente durante a campanha e governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. Durante tal período foi utilizado amplamente o Art. 5º da Constituição Federal (1988), onde garante os direitos fundamentais para as pessoas, além de afirmar que todos são iguais perante a lei

Todavia, o que muitos não sabiam – ou não traziam à tona – é que tal princípio de baseia na igualdade formal, sendo que ela não abrange todo o artigo pois também existe a igualdade material. É na igualdade material que a lei Lei nº 12.711/2012 está baseada, pois há a necessidade de equidade entre os indivíduos em algumas questões (SILVA, 2023).

Já a ideia de igualdade material, por seu turno, é a que considera as especificidades e diferenças entre pessoas e grupos sociais, preconizando o oferecimento das mesmas oportunidades, condições de vida e subsistência às pessoas, independentemente de suas diferenças, inclusive do ponto de vista racial. (SILVA, 2023, p.11).

É importante apontar que até hoje alguns projetos onde visam retirar a dimensão racial das políticas afirmativas tramitam na câmara dos deputados, como o PL nº 4.125/2021 e PL nº 1.531/2019. Essas propostas buscam manter apenas as cotas voltadas para pessoas de baixa renda, partindo do pensamento que a pobreza no Brasil não tem cor. Entretanto quando observamos a realidade e vamos ainda mais fundo e analisamos os dados, algumas pesquisas apontam (ao juntarmos a população negra e parda) que quase 70% da população (MADEIRO, 2019) vive em condições difíceis, tanto educacionais quanto econômicas. São essas pessoas que estão legalmente amparadas e necessitam das políticas de ações afirmativas, fazendo com que tal argumento caia por terra.

E é dentro desse contexto, que será criada a Coalisão Negra por Direitos. A organização surgiu no início de 2019 com o intuito de ser uma das mais poderosas armas antirracista dentro do nosso país. É também de grande importância explicar que ela reúne vários institutos e ONGs do movimento negro ao redor do Brasil, mostrando assim sua grande abrangência no cenário nacional. Outra informação importante é que em novembro do mesmo ano ocorreu o 1º encontro internacional do Coalisão Negra por Direito, reunindo assim mais de 200 órgãos nacionais, sem contar com a presença de representantes de instituições estrangeiras. Outro fato muito interessante é que a organização teve como um dos principais embates: a tentativa de impeachment do ex-presidente Jair Bolsonaro, além da luta contra as forças militares que atuavam de maneira repressiva contra a população negra.

Além da luta em favor das pautas antirracistas, a Coalisão Negra por Direitos também luta em favor da população negra LGBTQI+, que também vem sofrendo com o sistema repressivos. Josiane Rose Petry Veronese e Ângela Maria Konrath, em seu livro Espelhamentos (2022) vão narrar um pouco sobre suas experiências dentro do Coalisão Negra Por Direitos. Ao tratar da importância e da relevância, tanto no cenário nacional quanto internacional, elas afirmam:

Desde a formação, a CNPD possui vinculação com o movimento Black Lives Matter e com outras organizações internacionais, mostrando a transnacionalização das pautas antirracistas. Nesse encontro de formação da CNPD, foi elaborada uma carta que apresenta a Coalizão, estipulando seus

princípios e reivindicações centrais. Assinaram o documento, compondo e/ou apoiando a Coalizão, 150 organizações negras oriundas de diferentes regiões do Brasil e de outros países. As notícias mais recentes da Coalizão relatam que já fazem parte da organização quase 200 coletivos. (Veronese; Konrath, 2022, p. 234)

Deste modo, acreditamos que conseguimos aqui nesse tópico tratar sobre o contexto da elaboração da história em quadrinhos aqui analisada, Mukanda Tiodora (2022). Tentamos observar um cenário que fosse um pouco mais abrangente, para assim mostrar como tudo pode convergir para a elaboração da HQ. Nesse sentido, decidimos trabalhar como o período entre 2018 até 2023, abarcando então os acontecimentos e mentalidades dessa época.

4 REPERCUSSÃO DA OBRA:

Apesar de ter sido publicada em 2022, a história de Teodora vai de fato ganhar notoriedade em 2023, onde irá concorrer e vencer os prêmios: Grampo de ouro e Jabuti, sendo a segunda obra do Marcelo a ser consagrada com a gratificação máxima da literatura no Brasil.

As premiações mostram o impacto e relevância da obra na atual sociedade brasileira. A abordagem do Marcelo d'Salete expõe como os negros possuíam formas de sobrevivência, sendo elas: redes de apoio, onde um negro ajudava o outro; comercio, mostrando que a população negra era bem atuante em negociações e a inclusão em um meio de letrados, que é onde desenrola a história de Teodora. Esses fatores nos apresentam a tese que o negro não era um agenciado, mas um agente da história, alguém que mesmo diante das opressões possuía ferramentas e formas de burla o sistema e fazer resistência.

Partindo desse pressuposto, o site online *Folha de São Paulo* irá comentar sobre a relevância da HQ, onde o colunista e sociólogo Celso Rocha Barros(2023) vai tecer elogios para obra, ficando nítido o seu entusiasmo ao afirmar que:

A arte de D'Salete, composta em um estilo que lembra sequências de xilogravuras, resgata em seus protagonistas complexidade humana, poesia, estilo e espiritualidade que a escravidão tentava lhes negar. As páginas que abrem e fecham os capítulos são quase abstratas, e belíssimas, como já era o caso em Cumbe e Angola Janga. E o autor conhece os recursos da nona arte. Em uma cena especialmente bem construída, o mecanismo da escravidão é ilustrado por uma sequência de imagens de caráter quase didático. Elas aparecem refletidas na bebida que Luiz Gama toma enquanto discursa, em uma taverna, a favor da abolição. Ao fim do discurso, ele golpeia a mesa: com o abalo resultante, o copo em que se acumulavam as imagens de sofrimento se despedaça no chão. (BARROS, 2023)

Indo para o Mundo *Geek*, o site especializado em quadrinhos, *Ultimato do Bacon* também fará sua análise acerca da relevância da obra. Aqui os elogios ficam por conta do colunista David Horeglad (2023), onde ao final da resenha a obra recebe a avaliação como excelente. É incrível perceber como Mukanda Tiodora (2022) adentrou até em críticas especializadas do mundo dos super-heróis, David avalia a HQ da seguinte maneira:

No quadrinho, D'Salete pôde apresentar todo o peso emocional do que sabemos da vida dessa africana escravizada, mas indo além e ressignificando. Sim, houve apagamento histórico, porém, muitos resistiram e conseguiram manter suas lembranças culturais e familiares [...] O autor se mune disso para trazer um conto de esperança, enfrentamento e resistência em meio a um cenário violento. Ainda, delineia as diferentes formas de escravidão – do interior, da cidade, de dentro de casa, de ganho [...] Curioso pensar que a capital paulista não escancara, como outros municípios históricos do país, registros desses horrores. A não ser por suas consequências, como a desigualdade social e de oportunidades refletida na cor da pele. (HOREGLAD, 2023)

Já na revista online O Grito, em uma seleção das 30 melhores HQs do ano de 2023, Mukanda Tiodora ficou em 3º Lugar após concorrer com publicações de todo o mundo. Sendo o único quadrinho brasileiro a ficar entre os 3 primeiros, e o segundo a aparecer entre os dez mais bem colocados, a equipe da revista afirma:

Depois de falar da resistência contra a escravidão (mote também de outra obra incrível, Cumbe), D'Salete decidiu lançar seu olhar para os seus antepassados. Novamente calcado na pesquisa histórica, o autor revelou os meandros do sistema escravista brasileiro e apresentou detalhes pouco conhecidos de um tipo diferente de resistência, a escrita e as negociações políticas e econômicas. É também um livro que se aprofunda nas marcas que a escravidão deixou na cidade de São Paulo. O livro traz ainda Marcelo D'Salete explorando novos estilos de seu traço, agora com áreas pretas mais acentuadas, que se aproximam da gravura, o que confere um tom ainda mais dramático para as páginas. (FLORO; FIGUEIRÔA; MACHADO, 2022)

Outra crítica muito positiva será do site Quadro e o risco, feita pelo colunista Thiago Borges (2023). Aqui o Thiago irá observar como a estética e inspirações culturais e artística influenciaram o Marcelo d'Salete durante a criação da obra. Mas algo que chama bastante atenção é a análise que Borges (2023) desenvolve sobre o roteiro:

Aí entra D'Salete. O quadrinista desenvolve uma resolução para essa trama perdida no tempo. Costurando os dados oficiais a uma ficção potente, capaz de pensar as relações sociais e humanas do período, a obra vai esquentando aos poucos até chegar a um terceiro ato que amarra todas as

subtramas e temas abordados. E muito dessa potência vem do modo como são apresentados os rostos dos personagens. (BORGES, 2023)

Portanto, podemos concluir que a HQ Mukanda Teodora impactou positivamente o cenário literário brasileiro, tendo em vista as premiações em torno dela, como o prêmio Jabuti. Além das premiações, a crítica se mostrou extasiada com os aspectos visuais da obra, além da sua estrutura narrativa. A história em quadrinhos evidencia assim, ser uma das grandes obras brasileiras dentro do contexto das HQs dos últimos anos.

5 SÍNTESE DA OBRA

A HQ Mukanda Tiodora (2022) está dividida em 5 capítulos, onde cada capítulo terá em seu início uma frase que fará menção ao assunto tratado nele. Após a história, temos um texto da Professora Cristina Wissenbach que irá aprofundar um pouco mais na história das cartas da Teodora Dias da Cunha, a Tiodora. Maria Cristina afirma a importância da obra ao dizer:

Na reversão da irresponsabilidade sexista de Claro Antônio dos Santos, na superação dos ditames policiais e de insensibilidade dos poderes policiais e judiciários, vencendo os limites dos estudos acadêmicos e leituras mais restritas, a história de Teodora e a de suas cartas ganham agora continuidade, atingindo lugares e situações aos quais a natureza e o caráter da investigação histórica não me deixam chegar. E finalmente se materializa na produção artística a um grande público. Nada melhor poderia lhes acontecer. Saudações, Teodora dias da Cunha; seja bemvinda, Tiodora de Marcelo d'Saete. (D'SALETE, 2022, p.182)

É importante falar que o exemplar é muito mais que uma HQ, pois possui ferramentas adicionais, como imagens das cartas da Tiodora para seu marido e as transcrições delas. Também podemos encontrar imagens da Cidade de São Paulo no século XIX e das vilas negras do sudeste, assim como um mapa bem didático da província de São Paulo em 1877. Por fim, será possível também explorar a cronologia da luta contra a escravidão em São Paulo, algo que o quadrinho dedicará várias páginas para expor.

Retornando para os capítulos, é de grande importância explicar um pouco de cada um para que tenhamos uma visão, mesmo que sintetizada, de como a história se desenrola.

O primeiro capítulo serve para introduzir o leitor na história apresentando a personagem principal Teodora e alguns personagens secundários, como: o “seu Claro”, um negro letrado que escreve as cartas de Teodora para seu marido; Joana e Benê que ficam encarregados de levar a carta para o esposo de Teodora. Esse primeiro capítulo além de iniciar o leitor na história, também aprestam a sociedade Paulistana da época e como ocorriam as relações sociais naquele contexto histórico. A figura 1 logo a baixo servirá para ilustra um momento marcante desse capítulo.

Figura 1 Imagem De Teodora narrando o que claro precisa escrever



Já no segundo capítulo nos será apresentado Luiz Gama, um advogado e personagem muito importante para o movimento negro, juntamente com José Ferreira de Menezes, que além de advogado também era escritor e fundador do jornal Gazeta da Tarde. Ambos estão conversando sobre as dificuldades enfrentadas pelos negros, dentro do sistema escravista, e debatendo formas de promover uma mudança. É nesse bloco também que nos é apresentada a Guerra do Paraguai e como ela tem afetado o cotidiano da população. A figura 2 ilustrará bem isso.

Figura 2 Imagem da Conversa entre Luiz Gama e José Ferreira



Fonte: D'SALETE (2024)

O 3º ato começa com uma conversa entre Benê e Joana, é aqui que descobrimos que o garoto é alguém letrado, sabendo ler e escrever. Após a conversa o garoto se digere para entregar a carta de Teodora, entretanto encontra muitas dificuldades no caminho pois se depara outro garoto chamado Caetano, que é um menino branco. Caetano tenta atacar Benê e roubar a bolça onde a carta está guardada, mas o Benê é mais astuto e consegue desarmar Caetano e sair ileso. Ao final deste episódio surgem duas novas personagens, uma negra e a outra uma indígena, elas ajudam Benê e o levam para um lugar chamado Mocambo. A figura 3, logo a baixo, ilustrara tal momento de embate, entre os gatoros

Figura 3 Imagem do embate entre Benedito e Caetano



Fonte: D'SALETE (2024)

O penúltimo capítulo será focado na interação entre Benê e o líder do mocambo, onde ele dirá o caminho para encontrar a rota do tropeiro, homem que ficava encarregado de transportar as mercadorias. O tropeiro ajuda Benedito o levando até a fazenda onde o marido e filho de Teodora vivem, mas avisa que antes de chegar na fazenda tem um cafezal, alertando o menino para que ele tome cuidado. Benê avança até o cafezal mas acaba sendo pego por alguns feitores, encerrado assim o ato. A figura 4 apresenta um desses momentos

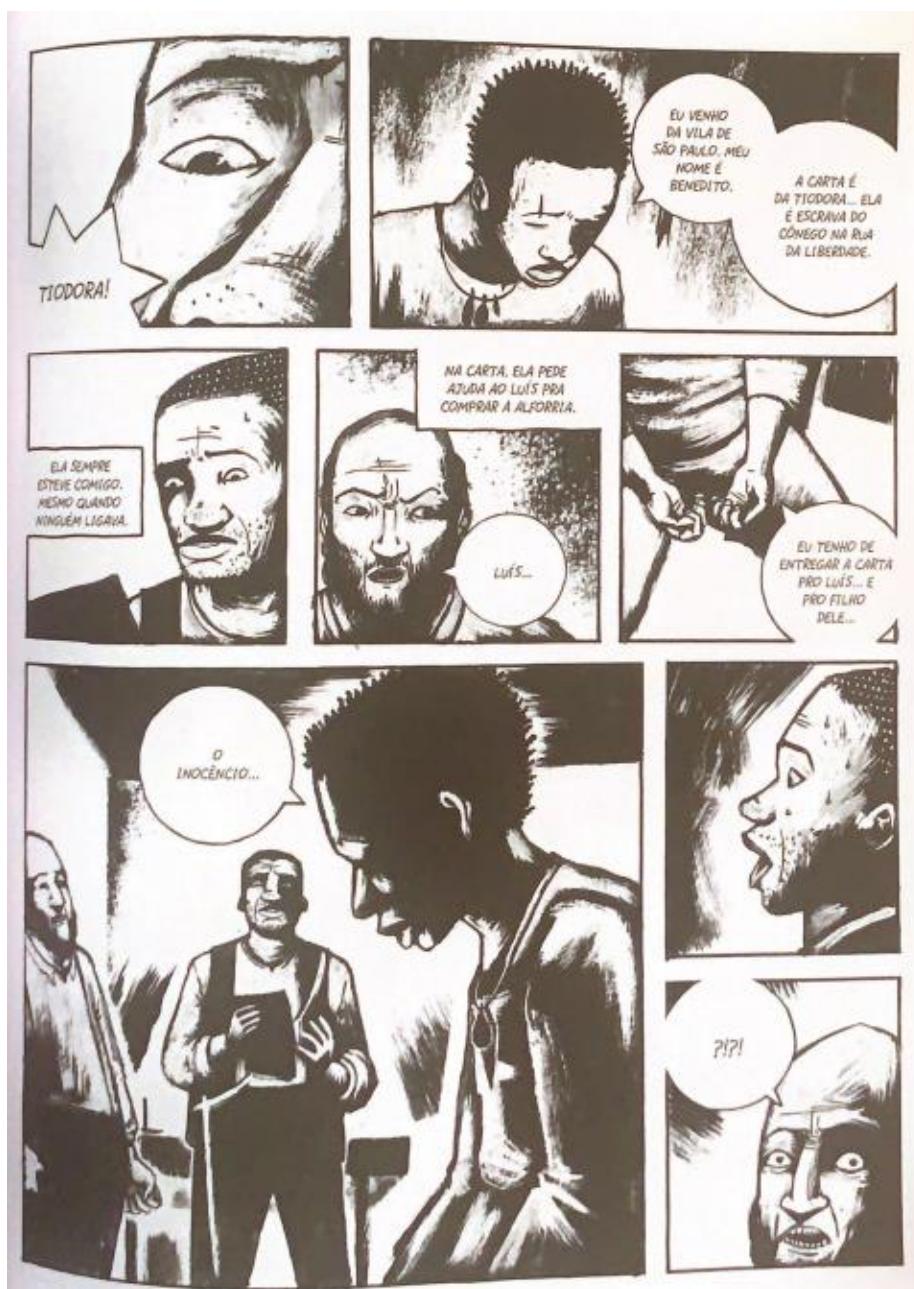
Figura 4 Momento em que Benê chega ao cafezal



Fonte: D'SALETE (2024)

Ao chegar na fazenda, Benê vê sua vida em risco, pois os feitores do dono da fazenda ameaçam tirar a sua vida caso não conte seu real motivo de estar ali. Ao contar suas motivações o garoto descobre que um dos feitores, e chefe deles, é Inocência o filho de Teodora. Inocência reluta um tempo sobre a informação da sua mãe escrever uma carta para ele e seu pai, mas logo aceita o fato e manda uma mensagem para sua mãe.

Figura 5 Momento que Inocência descobre sobre sua mãe



Fonte: D'SALETE (2024)

Por fim, no último ato Benedito volta para a capital, mas já próximo se depara com Caetano, que agora está em posse de uma arma de fogo. Benê corre e ao entrar em uma das ruas se encontra com Joana que lhe defende. Não sendo o bastante para conter Caetano, que agora está com sede de sangue, aparece Luiz Gama e Menezes para defender o garoto que então consegue entregar o bilhete de Inocência para sua mãe, encerrando assim de forma emocionante a história. Portanto, a figura 6 nos apresenta o momento em que Teodora recebe uma resposta do seu filho.

Figura 6 Teodora recebendo a carta de Inocência



Fonte: D'SALETE (2024)

6 FONTES DA OBRA

Para elaborar a HQ Marcelo recorreu a algumas fontes, sendo as sete cartas de Teodora suas as principais, ou primárias. As mensagens de Teodora foram utilizadas durante o inquérito policial que pretendia descobrir se a mulher foi cúmplice do roubo à propriedade o Cônego José da Terra Pinheiro, seu senhor. Na época as mensagens foram anexadas aos autos judiciais da Comarca de São Paulo e atualmente estão localizadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

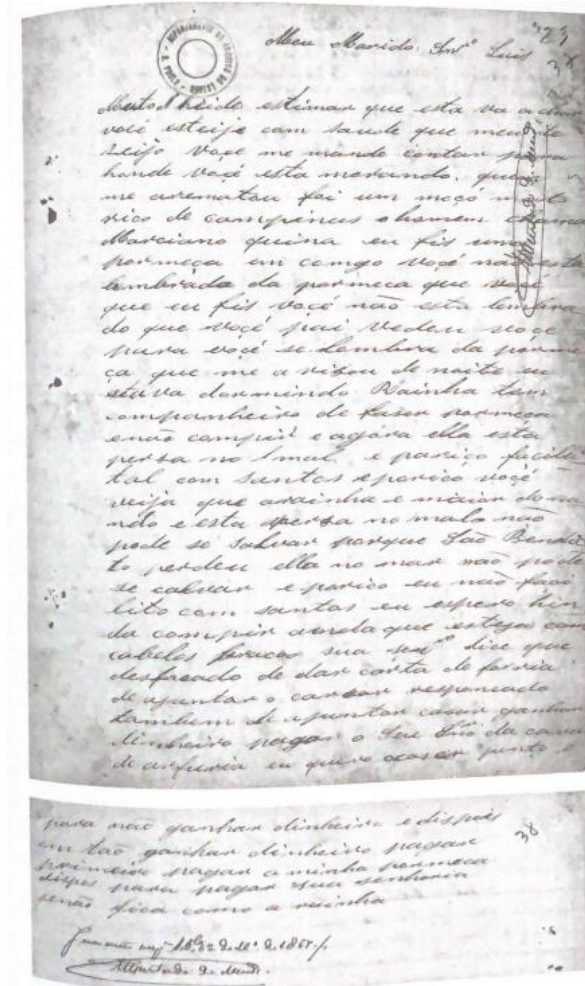
Sobre as fontes, a historiadora Maria Cristina Wissenbach (2012), especialista no assunto sobre os processos criminais na cidade de São Paulo durante o Século XIX, irá afirmar que:

As cartas foram anexadas aos autos da comarca de São Paulo e se encontram atualmente depositadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo. No inquérito policial, elas serviram como prova da participação de Teodora no roubo praticado por Claro e seu parceiro Pedro na casa do senhor da africana, ocasião em que foi subtraída uma canastra fechada à chave que continha dinheiro (mais de 800 mil réis), roupas e objetos. (WISSENBACH, 2012, p. 3)

Entretanto, não é nosso desejo nos aprofundarmos tanto no tema sobre a pesquisa e as teses da Maria Cristina. O intuito do tópico atual é apenas apresentar as fontes utilizadas pelo Marcelo d' Salete para desenvolver a narrativa da história que ele escreveu e desenhou. Para abordar mais profundamente as teses que serviram de base para escrever a HQ Mukanda Tiodora teremos o capítulo de referencial teórico reservado.

A figura 7 mostra a 1ª carta de Teodora para o seu marido

Figura 7 Carta de Teodora para o seu Marido



Fonte: D'SALETE (2024)

Logo abaixo podemos ver a transcrição dela:

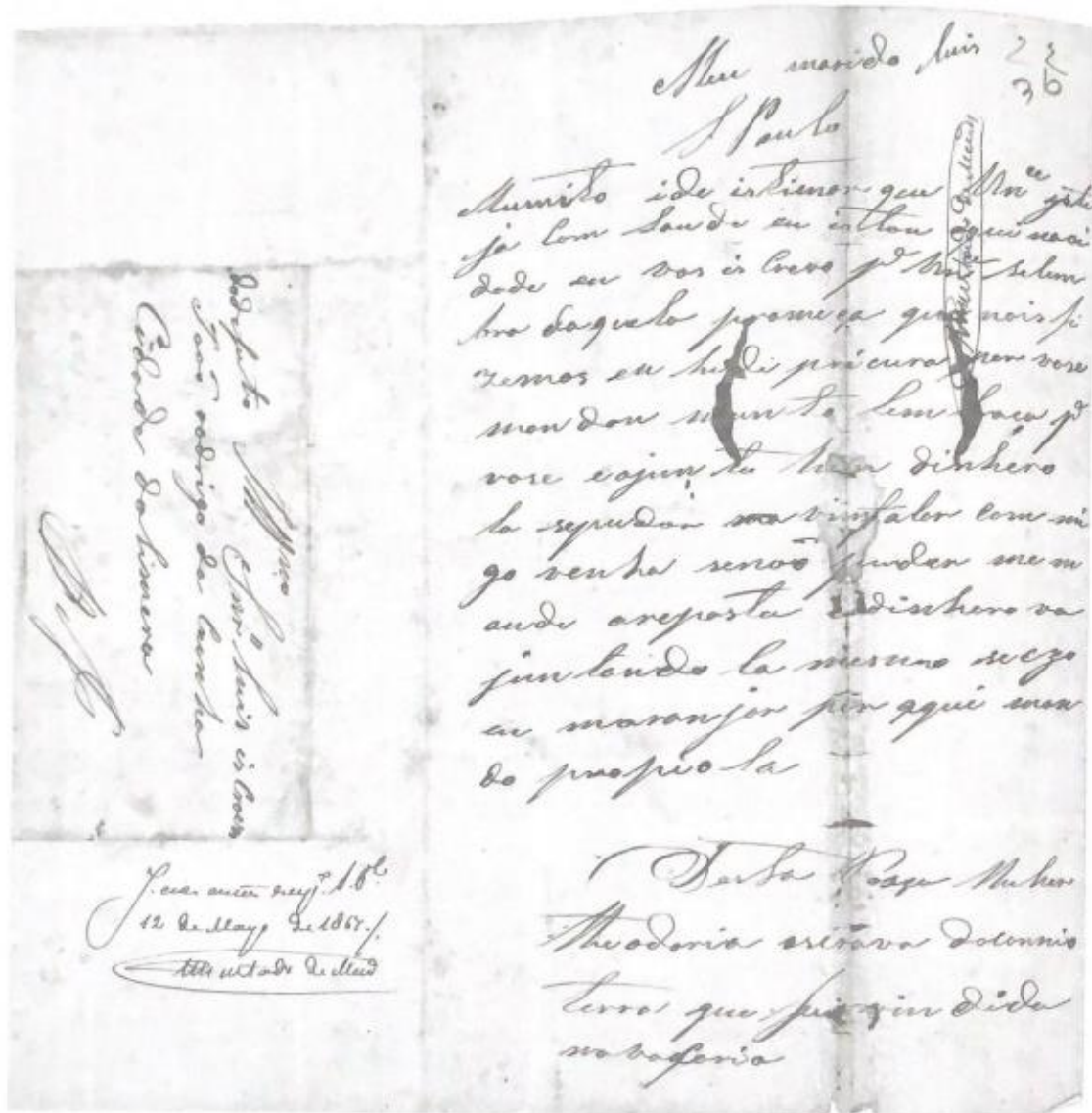
Meu Marido Snr. Luis

Muito hie de estimar que esta va achar você esteja com saúde que meu desejo você me manda contar para hande você esta morando. Quem me arrematou foi um moço muiyo rico de campinas o homem chama Marciano quina/ eu fiz uma promessa em congo você não está lembrado lembrado da promessa que você que fiz/ você não esta lembrado que você/ pai vendeu você para se lembrar de promeça e não cumpriu e agora ela esta presa no mal e porisso facilita com santos/que me visitou de noite eu estava dormindo/ Rainha tem companheiro de fazer promeça e não cumpriu e agora ela esta presa no mal/ e não pode se salvar porque São Benedito perdeu ela no mar/ não pode se salvar/ por isso eu não facilito com santos/ eu espero ainda cumprir ainda que esteja com cabelos brancos/ seu senhor disse que disfarçado de dar carte de alforria/

de ajuntar o casal responsado/ também ajuntar o casal/ ganhar dinheiro/ pagar a sua senhorita/ senão fica com a rainha. (D'SALETE, 2022, p.192).

A figura 8 mostra a 2ª carta de Teodora para o seu marido

Figura 8 Carta de Teodora para o seu Marido



Fonte: D'SALETE (2024)

A seguir termos a transcrição dessa carta

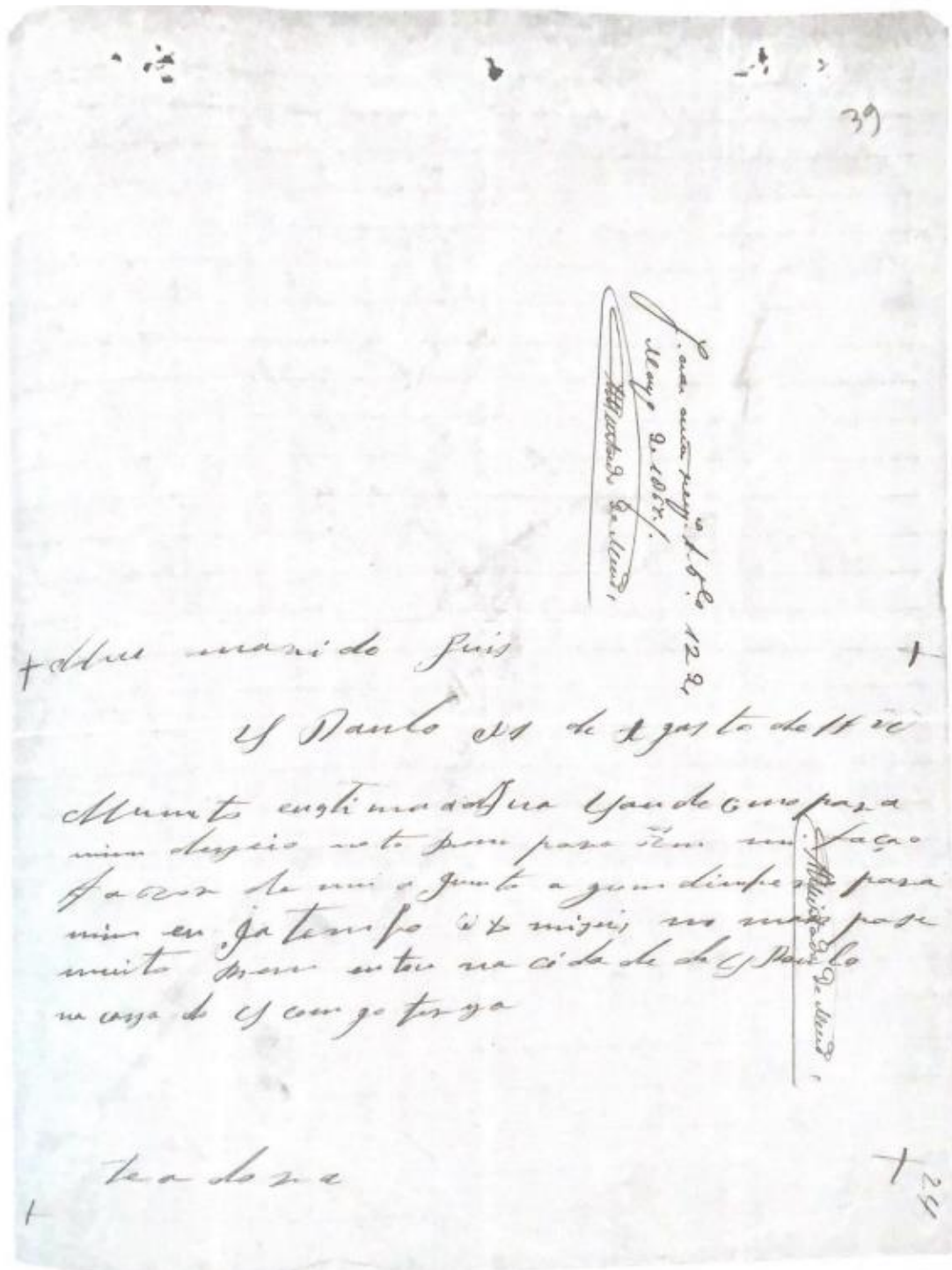
Meu marido Luis, São Paulo

Muito hei de estimar que Vence esteja com saúde/ eu estou aqui na cidade/ eu vos escrevo para Vence se lembrar daquela promessa que nos fizemos/ eu hei de procurar por voce/ e ajunta um dinheiro la/ se puder vir falar comigo venha/ se não pude me manda a respotae dinheiro vá juntando la mesmo/ se cazo me

arranjar por aqui mando propria la. Dessa vossa mulher, Theodora, escreva do
connio terra que foi vendida na vacaria (D'SALETE, 2022, p.192).

A figura 9 mostra a 3ª carta de Teodora para o seu marido

Figura 9 Carta de Teodora para o seu Marido



Fonte: D'SALETE (2024)

Transcrição da 3ª Carta de Teodora para o seu Marido

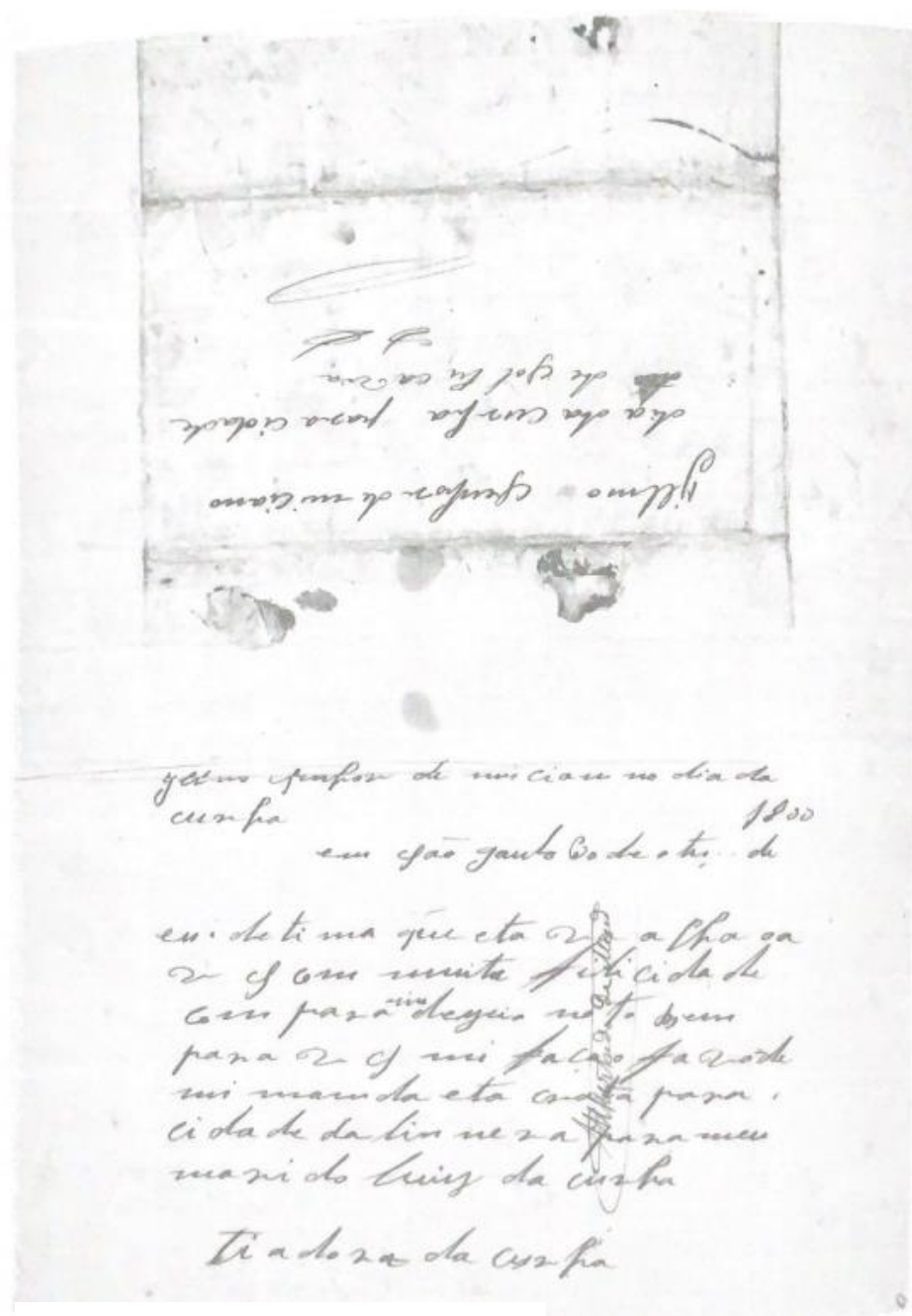
Meu marido Luis

S Paulo [21] de agosto de 1866

Munito eu stima da sua saude como para mim desejo noto bem para Vm mi faça o favor de mi a juntar a gum dinheiro para mim eu já temho 34 mireis no mais passe muito bem eu tou na cidade de S Paulo na cassa do S comgo terza. Teodora (D'SALETE, 2022, p.193).

A figura 10 mostra a 4ª carta de Teodora e a sua 1ª endereçada para o irmão do seu ex-senhor

Figura 10 Carta de Teodora para o irmão do seu ex-senhor



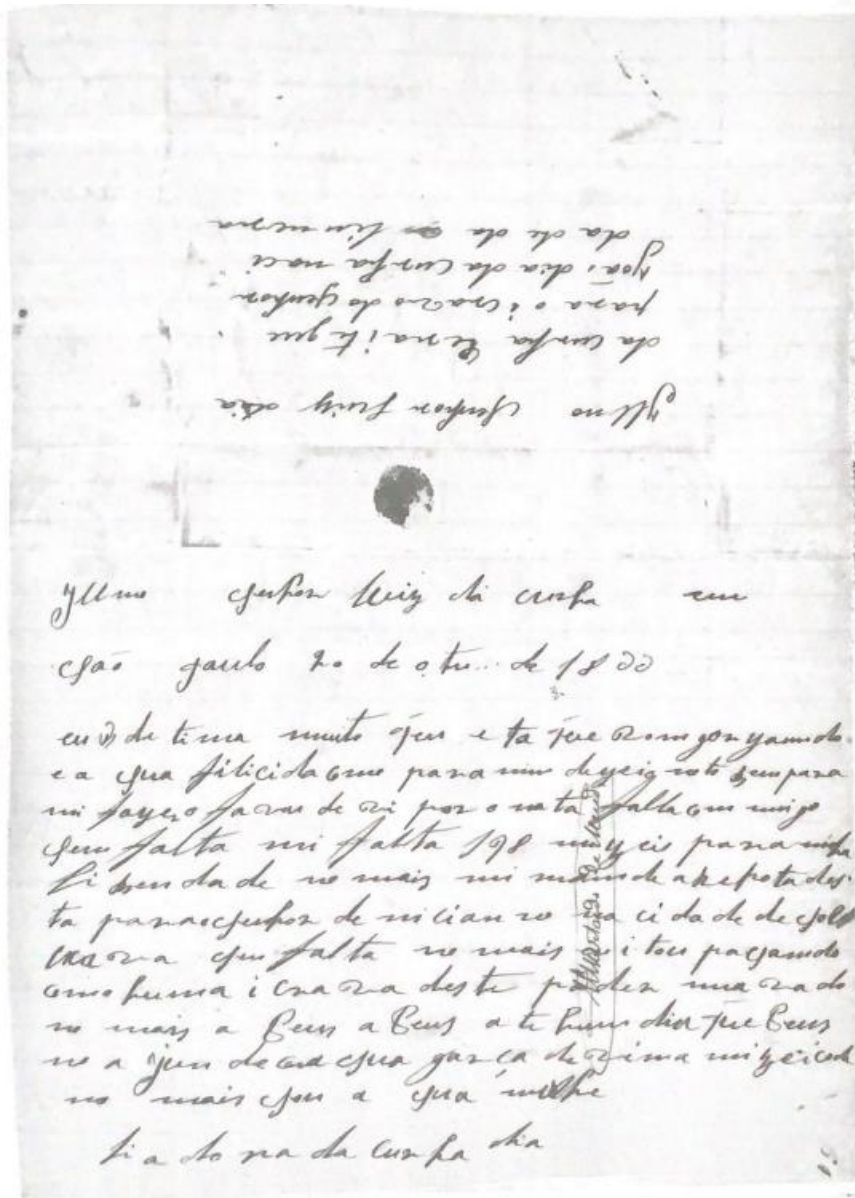
Fonte: D'SALETE (2024)

Transcrição da 4ª Carta de Teodora

Illmo. Senhor demicianno dia da cunha
em são Paulo 30 de outro... de 1866
eu i heitima que eta va acha o a VS com muita felicidade com para mim dezeio
noto bem para VS mi faça o favor de mi mamda eta crata para cidade da
linnera para meu marido luiz da cunha
tiadora da cunha
[Sobescrito]: Illmo. Senhor demiciano dia da cunha
Para cidade de Soltucava (D'SALETE, 2022, p.193).

A figura 11 mostra a 5ª carta de Teodora e a sua 4ª endereçada para o seu marido

Figura 11 Carta de Teodora para o seu marido



Fonte: D'SALETE (2024)

Transcrição da 5ª Carta de Teodora:

Illmo. Senhor Luiz da Cunha em São Paulo 20 de out... de 1866

Eu [vs?] hetima muito que eta que Vo m gonzamdo e a sua filicida como para min dezeio noto bem para mi fazer o favor de vi por o bata fala com migo sem falta mi falta 198 milreis para minha liberdade no mais mi mamde a repota dests para o senhor demicianno na cidade de Solcrava sem falta no mais eu itou pagamdo como huma icrava deste pader mavado no mais a Deus a ti hun dia que Deus ne ajumde com sua garça devina mizeicode no mais sou a sua mulhe

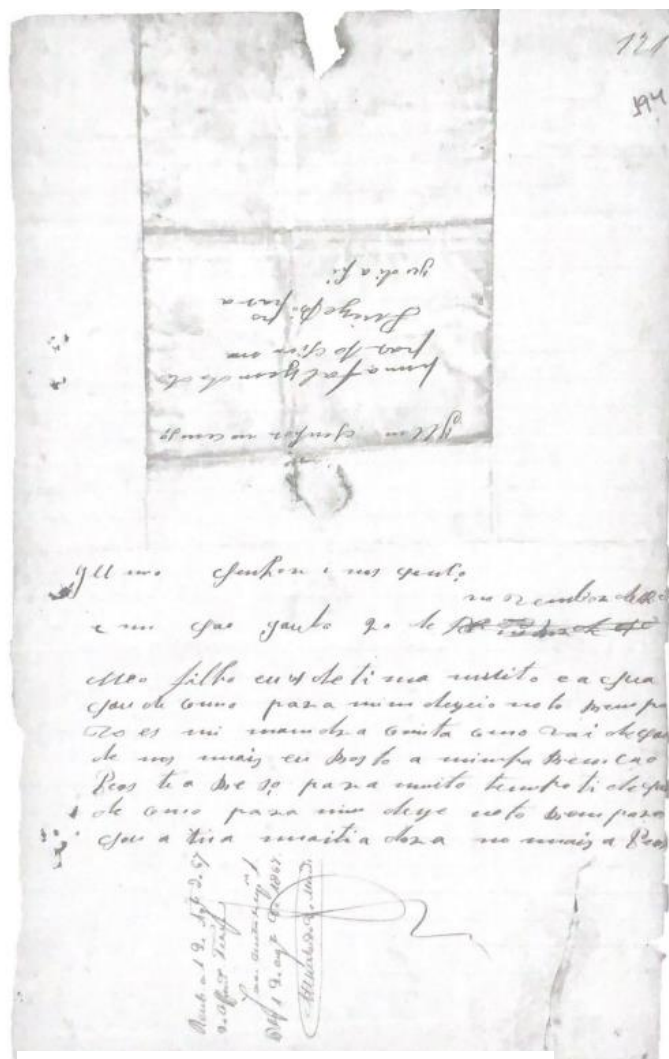
tiodora da cunha dia

[Sobescrito]: Illmo Senhor Luiz dia da cunha

Seja itegue para o icravo do senhor João dia da cunha na cidade da linnera (D'SALETE, 2022, p.193).

Já a figura 12 mostra a 6ª carta de Teodora e a sua 1ª endereçada para o seu filho Inocêncio

Figura 12 Carta de Teodora para o seu filho



Fonte: D'SALETE (2024)

Transcrição da 6ª Carta de Teodora:

Illmo Senhor inissenço

Em São Paulo 20 de novembro de 1866

Meo filho eu [vs?] heitima muito e a sua saude como para mim dezeio noto
brm pa coes mi mamdra scrita como vai de saude no mais eu bosto a minha
benção Deos te aboso para muito tempo de saude como para mim deze bem
para

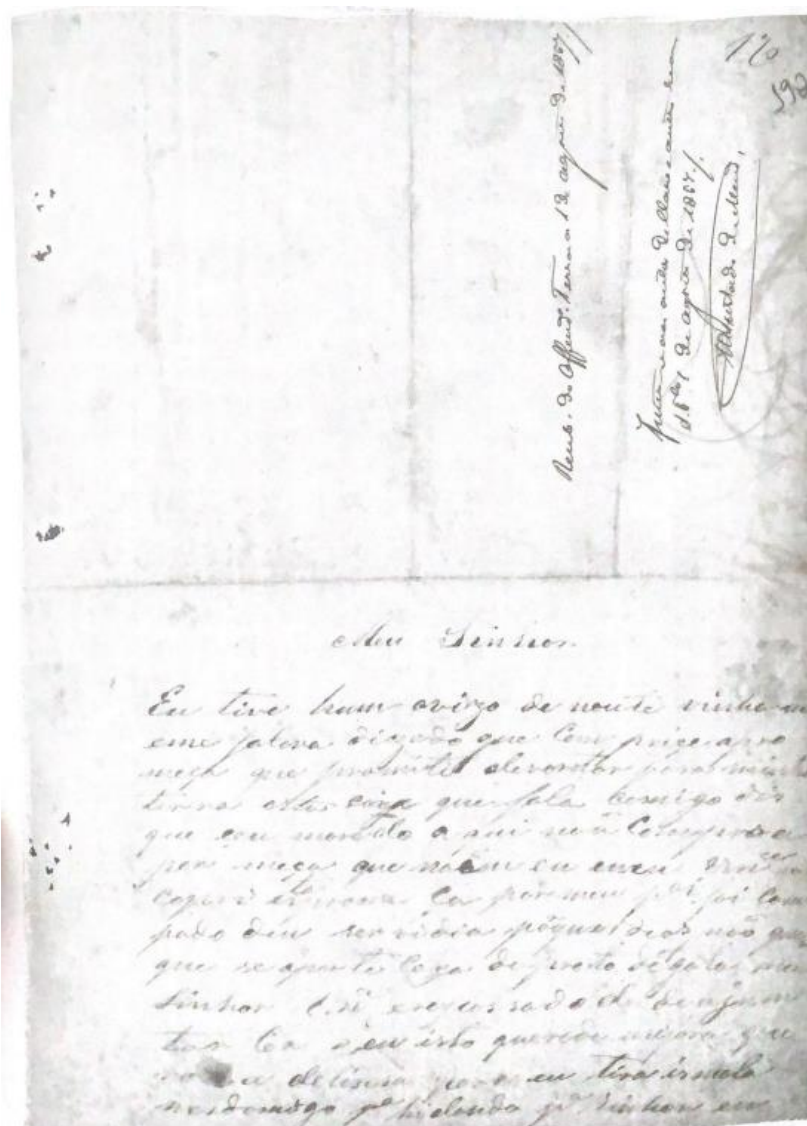
Sou a tua mai tiadora no mais a Deos

[Sobrescrito]: Illmo senhor nocenso

Numa fazemda de pasto livre no [?] judiahi (D'SALETE, 2022, p.193).

Por fim, a figura 13 mostra a 7ª carta de Teodora e a sua 1ª endereçada para senhor
Cônego Terra, esta é a sua última carta

Figura 13 Carta de Teodora para o senhor Cônego Terra



Fonte: D'SALETE (2024)

Meu senhor

Eu tive gum avizo de noute vinhama e me falava dizado que cumprisse a promeça que promiti de vortar para minha terra esta conga que fala comigo diz q çeu moredo aqui não comprerei pormeça [?] eu e nem Vnce não cumpriu esta promeça por meu pai foi comprado deu se vidia porque deos não quer que se aparte coga de preto de angola meu senhor Vnce e repossado de de ajumtar [?] e eu isto quere de me fora quero que de lisesa para eu tira ismola dos domingo pa hi dando pa senhor eu já 4 milreis e Vnce já tem 9milreis na sua mão escreva de Vnce

Tiodora (D'SALETE, 2022, p.194).

Além das cartas o autor recorreu a algumas fontes secundárias que foram de grande importância para desenvolver sua obra. As consultas a seguir foram de grande valor para a ambientação e detalhamento da São Paulo da época, século XIX. Já outras serviram para contextualizar historicamente os fatos daquela realidade. Dito isso, as fontes secundárias foram: Cartas (arquivo Público de São Paulo); Imagens 21 (Museu da cidade de São Paulo/Acervo do Museu Paulista da USP/ Instituto Moreira Sales/Acervo Fundação Biblioteca Nacional); *Almanak* da província de São Paulo e Itesp.

Portanto para visualizar melhor, as fontes estão distribuídas de acordo com a tabela 2 abaixo:

Tabela 2 Tabela sobre o tipo, quantidade e origem das fontes secundarias

Tipo da fonte	Procedência	Quantidade
Cartas	Arquivo Público de São Paulo	7
	Museu da Cidade de São Paulo	1
Imagens	Acervo do Museu Paulista da USP	16
	Instituto Moreira Sales	2
	Acervo Fundação Biblioteca Nacional	2
Itesp	Comunidades Remanescentes de quilombos (Tabela)	1

Fonte: D'SALETE (2024)

7 REFERENCIAL TEÓRICO:

Para o desenvolvimento do trabalho de análise historiográfica aqui realizado, foi necessário recorrer a alguns textos para que pudéssemos ter uma visão mais teórica acerca do tema aqui tratado. Como ficou logo perceptível, iremos abordar uma HQ que retrata a realidade vivida pelas mulheres durante o século XIX na cidade de São Paulo. Por isso, foi necessário recorrer a textos que nos dessem uma boa base: primeiramente da realidade dos negros durante essa época; segundo da personagem principal, Teodora Dias Cunha.

Portanto, recorreremos aqui a dois trabalhos da Historiadora que auxiliou o Marcelo d' Salete durante a elaboração da sua obra, a Maria Cristina Wissenbach. Os textos aqui apresentados serão: *Sonhos africanos, vivencia ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888)* e o *Segundo Teodora dias da cunha construindo um lugar para si no mundo da escrita e da escravidão*. É significativo também abordar a linha de pensamento da pesquisadora, aderindo as ideias da História social.

Iniciando, o nosso primeiro referencial teórico é da Professora de História da África e dos Afrodescendentes no Brasil e África Pré-Colonial da Universidade de São Paulo (USP), Maria Cristina Cortez Wissenbach. Para o trabalho de construção da HQ Mukanda Tiodora, o Autor Marcelo D' Salete recorreu a sua ajuda para conseguir uma aproximação mais fidedigna da cidade de São Paulo durante o século XIX, mais precisamente entre as décadas de 1850 e 1880.

Ao observar toda a narrativa e as fontes utilizadas para a elaboração da HQ, os autos judiciais do processo de Teodora, podemos concluir que o primeiro texto teórico foi: *Sonhos africanos, vivencia ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888)*. Em sua tese, Maria Cristina (1998) irá discorrer sobre a realidade dos escravos no centro urbano e como esses agentes históricos desenvolveram meios de lutar contra o sistema escravista. Para montar sua tese, Maria Cristina utilizará as fontes judiciais, algo que também servirá como base histórica para a narrativa de Marcelo D' Salete. Sobre a importância dos Documentos Judiciais, Cristina afirma que:

No Conjunto das fontes oficiais para o estudo da escravidão, os autos criminais guardam vantagens significativas para a análise social. Em termos comparativos, destacam-se dos demais documentos judiciais, pois sintetizam, de maneira clara, as percepções ambíguas que cercavam a figura dos escravos. Se, em termos legais, os escravos e por vezes os próprios libertos eram vistos e tratados como seres judicialmente incapazes, equiparados aos menores, as viúvas, aos índios e aos loucos, a justiça criminal foi obrigada a corresponder, em alguns sentidos, a tal orientação, mas sobretudo a contorná-la, conferindo relativa personalidade e plena responsabilidade aos réus escravos. (WISSENBACH, 1998, p. 38)

Como apresentado na citação acima, uma grande dicotomia pairava na realidade dos centros urbanos da cidade de São Paulo oitocentista. Pois a depender da situação, o mesmo negro que era visto como alguém desprovido de grandes capacidades intelectuais, passou a ser visto como uma potencial ameaça. O Negro que era, de acordo com uma visão racista, inferior ao homem branco, desenvolveu mecanismos de burlar as bases de um sistema escravista e a causar prejuízos aos seus proprietários, fossem eles financeiros ou até mesmo físicos (WISSENBACH, 1998).

Apesar de à primeira vista, os crimes serem vistos como algo deplorável para toda a sociedade, é preciso analisar as entrelinhas, contextos e mentalidades da época em que estamos observando aqui. Mesmo quando eram homens livres, os negros tendiam a ser vistos com maus olhos, agora imaginemos os indivíduos que não foram alforriados e estavam de baixo do regime escravista.

A luz desse raciocínio, esgotas as estreitas possibilidades de manumissão patrocinada – alforrias resultantes de beneplácito dos senhores ou por eles consentidas – aos escravos restavam unicamente meios extremos que, uma vez concretizados, os levariam para fora do mundo da escravidão. Nessa perspectiva, a resistência escrava visava acima de tudo a destruição do regime ou, nos limites da ação individual, a negação da própria condição. (WISSENBACH, 1998, p. 18)

Portanto, fica perceptível que as intenções de Maria Cristina (1998) eram, além de reconstituir a realidade urbana de uma cidade extremamente ácida para os negros, também mostrar como esses indivíduos tinha aspirações e motivações que os levaram a agir contra um sistema agressivo e opressor. A Historiadora afirma que: “Assim, nas circunstâncias criminosas, a justiça teve de reconhecer a capacidade de ação dos escravos, colher seus depoimentos e interrogá-los, julgá-los e puni-los por seus atos e iniciativas.” (WISSENBACH, 1998, p. 39)

Isso posto, a narrativa da HQ Mukanta Tiodora é fruto de um desses processos criminais observados pela Maria Cristina (1998) durante sua dissertação de mestrado. Teodora, havia sido suspeita de compactuar com o roubo que ocorreu na casa do seu senhor, pois era quem escrevia as suas cartas o principal suspeito. É importante salientar essa informação, pois no texto de Maria Cristina (1998) ela afirma que muitos furtos ocorriam com o intuito de ajudar na subsistência dessa população marginalizada. Em quase todos os casos os furtos eram de coisas simples e de pouco valor monetário. (WISSENBACH, 1998)

Além desse mecanismo era muito comum observar redes de apoio entre negros, fossem eles escravos ou livres. De acordo do Maria Cristina, era uma pratica cotidiana ocorrer trocas e vendas de produtos entre um indivíduo e outro, essas redes econômicas ajudavam a manter suas necessidades básicas em dia, mesmo que fosse algo muito instável e arriscado. Além disso, os negros também tendiam a negociar os produtos dos seus furtos com homens livres (brancos), apresentando para todos nós uma rede de economia informal, pondo os escravos como agentes da história e parcela do setor econômico. (WISSENBACH, 1998)

Parte das apropriações teve sentido claramente simbólico: roubo de um par de botinas ou de um chapéu elegante [...] os inquéritos relativos a tais crimes demonstram a presença de receptores – alianças fundamentais na destinação dos produtos do roubo e portanto na consumação dos crimes – e que depõem sobre a larga rede de agentes vinculados à economia informal, realizada na base da barganhas, trocas e empréstimos. (WISSENBACH, 1998, p. 52)

Ao Falarmos de: *Sonhos africanos, vivencia ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888)* é preciso compreender que tal estudo buscou remontar uma sociedade oitocentista e que teve como base os registros criminais. Não apenas registros, mas os julgamentos em que pessoas negras, escravas ou libertas estavam sendo acusadas. Sobre isso autora afirma:

O pressuposto que acompanhou esse estudo – desde as fases iniciais da pesquisa – foi a possibilidade de reconstituir aspectos da vivencia social dos escravos, libertos e homens negros livres na cidade de São Paulo, na segunda metade do século XIX, a partir das evidencias contidas nos autos judiciais que investigam os crimes praticados por estes setores. (WISSENBACH, 1998, p. 52)

Outro texto que serviu de base teórica para a análise historiográfica da HQ Mukanda Tiodora foi “*Teodora dias da cunha construindo um lugar para si no mundo da escrita e da escravidão*”, também da Maria Cristina (2012). Esse texto irá ser mais incisivo na história da Teodora e foi muito usado também pelo Marcelo d’ Salet. Dito isto, diferente do trabalho

abordado anteriormente esse será focado somente nos registros do julgamento da Teodora e em suas cartas.

A princípio, a historiadora ira tratar em seu artigo sobre as peculiaridades das cartas e como elas conseguem remontar as subjetividades que atravessavam a Teodora durante a escrita delas. A conquista da alforria, segundo a Maria Cristina (2012) era muito mais do que a conquista da liberdade ou juntar a família que foi separada devido ao sistema escravista. A liberdade era vista como um retorno a antigas simbologias, algo que remetia ao período em que Teodora ainda estaria em sua terra natal, antes de ser lesada pelo tráfico do atlântico.

A conquista da alforria significava o cumprimento de uma promessa que havia sido feita no “Congo”, cuja responsabilidade a escrava compartilhava com o marido e com o senhor, jurando efetivá-la “inda que esteja com cabelos brancos”. Giravam em torno desse desejo os esforços de “juntar o casal”, o pecúlio que ela procurava amealhar, a organização de sua vida diária, bem como sua atenção sobre a movimentação das ruas e as sociabilidades que aí se desenvolviam. O regresso à África, por sua vez, era a efetivação da liberdade de forma clara, ou, nos termos usados pela africana, o horizonte de possibilidades na reversão do impacto da Diáspora – “senão fica como a rainha”, rainha esta que são Benedito havia perdido no mar. (WISSENBACH, 2012, p. 5)

Outro ponto muito importante analisado no artigo de Maria Cristina publicado em 2012, é como a oralidade atravessa as cartas, formando assim contornos únicos em sua escrita (Feita pelo Antônio Claro), além de apresentar um português bem popular. A união entre a tradição erudita, pois era algo que apenas pessoas da elite em sua maioria tinham acesso, e a forma africana de contar histórias por meio da rítmica das frases formam algo único, apresentando assim uma espécie de união entre dois mundos totalmente distintos, mas que em algum momento conseguem coexistir.

Teodora por meio da escrita conseguia observar as coisas de uma forma mais ampla. Nesse momento a africana conseguia se munir com ferramentas que ela sabia que seriam importantes para atingir seus objetivos. Pois mesmo sem saber ler ou escrever, ela conseguia desenvolver redes de apoio que lhe permitiam isso, principalmente com o Claro – um personagem que deixaremos para abordar logo mais. Acerca disso, Maria Cristina afirma que:

Teodora dominava parcelas significativas dos códigos do universo citadino e culto, compreendendo a relevância da escrita e valendo-se dela como uma estratégia a mais. Mediante a compra de cartas, ditando os seus termos, a africana inseriu-se em um conjunto de valores no geral visto como atributo do mundo da elite. (WISSENBACH, 2012, p. 8)

É importante também frisar que a história de Teodora por mais que seja algo raro¹ de ser ver – ou difícil de se encontrar registros – serve para que novos estudos surjam, com o intuito de traçar quais mecanismos os negros que estavam de baixo de um sistema escravista tinham a sua disposição para tentar burlar tal realidade. O artefato aqui utilizado, as cartas e registros do processo criminal envolvendo Teodora, nos apresentam a escravidão e como ela estava inserida na realidade paulistana durante o século XIX e como os negros cativos conseguiam encontrar formas de sobreviver em um cenário desfavorável.

Portanto, desenvolver coligações e estratégias era algo de extrema importância para Teodora. A priori, gostaria de apresentar sua aliança com Claro, um personagem muito importante para toda a trama aqui exposta. Claro era um negro livre tinha habilidades com carpintaria além de ser letrado. Teodora o conheceu durante um dia de trabalho na cidade e logo percebeu que poderia usufruir de suas capacidades intelectuais. A Historiadora Maria Cristina (2012) dedica uma parte boa de seu artigo para tratar de Claro, e ele com toda a certeza é um personagem importantíssimo para a narrativa que estamos analisando.

Uma perspectiva interessante adotada pela Pesquisadora vai na contramão dos motivos que julgaram Teodora como inocente, durante o julgamento dela. Pois para o juiz ela apenas foi usada por Claro Antônio, para que assim ele tivesse acesso a caso do seu senhor. Para o júri a mulher era vista como alguém inocente e sem aparente maldade. Na contramão, Maria Cristina afirma:

Visto na perspectiva histórica, contudo, o relacionamento remete-se aos quadros de uma sociabilidade permitida aos escravos no contexto citadino e, neste, às trocas possíveis entre trabalhadores diferenciados e em uma hierarquia social heterogênea que distinguia os escravos urbanos entre si. A destreza e as habilidades de Claro, bem como as regalias de que dispunha, foram observadas e consideradas pela escrava que via nele um aliado em potencial, ou melhor, mais um dos que ela procurava aliciar para os seus planos. (WISSENBACH, 2012, p. 12)

¹ Um exemplo parecido é o Tratado de paz dos escravos rebeldes, localizado pelo Stuart Schwartz (1977). Foi encontrado no Engenho Santana, de Ilhéus. É datado do final do século XVIII. Sobre ele, Maria Cristina afirma: sua expressividade foi reconhecida principalmente por apresentar as noções próprias que os cativos tinham sobre a natureza do trabalho e a de seus ritmos, sobre o relacionamento que mantinham entre si, as dissensões entre os habitantes das senzalas e entre as várias etnias. Expressavam também o rol das exigências que faziam para voltar ao trabalho: entre outras, o reconhecimento dos dias de repouso, o direito de lavar suas roças e de obter ganhos próprios, e o de comercializar seus produtos nas feiras domingueiras. E, em especial, o direito ao lazer que recuperava a humanidade reclamada por eles. (WISSENBACH, 2012, p. 8)

Por fim, esperamos que os referenciais teóricos do trabalho tenham sido apresentados de maneira simples e compreensível. Mostrando que as pesquisas utilizadas aqui tem o intuito de informar novas percepções sobre o papel do negro na sociedade escravista. A Teodora e suas cartas nos mostram que aos negros e principalmente as mulheres – alvos principais desse trabalho – tiveram um papel enorme nas décadas finais dos anos 1800 dentro da cidade de São Paulo.

8 MULHERES NA CIDADE DE SÃO PAULO NO SÉCULO XIX

Para que possamos compreender o contexto em que Teodora e a narrativa da HQ estão inseridos, é de suma importância termos em mente como a cidade de São Paulo era no final do século XIX, principalmente quando falamos sobre mulheres negras e o processo de abolição. Portanto, o tópico aqui presente, tem como premissa abordar o ambiente da cidade e quais os movimentos que as mulheres negras (escravizadas ou livres) estão implantadas e os caminhos que elas buscavam para a abolição de si próprias, ou dos seus filhos.

Primeiramente, é importante se desvincular de um pensamento muito comum quando tratamos sobre a conquista de alforria por parte das mulheres negras: que o processo era marcado principalmente por relações íntimas entre cativas e seu senhor². É essencial afirmar que muitos estudos atuais mostram que a emancipação foi conquistada com muitas estratégias, sejam elas por via financeira, redes de apoio, recorrendo a lei ou relações (ARIZA, 2018). A cadeia de possibilidades para conseguir a alforria para si, ou para seus filhos eram bem diversificadas, desvinculando assim a imagem do negro enquanto agenciado, mas o pondo como agente da sua própria história.

Dito isso, primeiramente é primordial traçar uma linha cronológica para apresentar quais mentalidades permeiam as negras durante o século XIX. Dentro de atos judiciais, durante o início do século XIX as mulheres negras eram referidas como: miseráveis, interesseiras

² Uma obra que ajudou a intensificar esse pensamento foi: *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freire. Em um trecho do seu livro, é dito que: Vencedores no sentido militar e técnico sobre as populações indígenas; dominadores absolutos dos negros importados da África para o duro trabalho da bagaceira, os europeus e seus descendentes tiveram, entretanto, de transigir com índios e africanos quanto às relações genéticas e sociais. A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações - as dos brancos com as mulheres de cor - de "superiores" com "inferiores" e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre essa base. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. (FREYRE, 2003, p. 33)

(exploravam a mão de obra dos seus filhos) e violentas³. Podemos perceber a partir dessa informação, qual imagem estava sendo criada sobre a figura feminina, entre os anos 1800 e 1840, contribuindo assim para uma linha de pensamento onde a mulher negra seria tratada como incapaz de manter um núcleo familiar (ARIZA, 2017).

Entretanto, é após a metade do século XIX que a narrativa contra as mulheres negras, sobre a sua ineficiência em manter seus filhos, tomam o contorno que será abordado aqui no trabalho. De acordo com Ariza (2017) os documentos judiciais irão esboçar um retrato de mulheres que não podem ou não se encaixam nas recomendações para possuíram a guarda dos seus próprios filhos.

Chegando-se à metade do século, nos anos 1850, os retratos das mães ditas incapazes são pintados em tons mais vivos na documentação judicial – paulatinamente esboçam-se, com maior definição, os perfis das mulheres que não poderiam ter sob si a responsabilidade pela criação dos próprios filhos. (ARIZA, 2017, p. 43)

Esquemmatizando o contexto social dessas negras durante esse momento histórico, podemos adentrar agora no ponto principal aqui do trabalho: a alforria para si própria e seus entes, pois a HQ aqui analisada (Mukanda Tidora) se trata de uma mulher negra que vive em São Paulo durante o século XIX e que almeja a liberdade da sua família (filho e marido). Sendo assim, primeiramente iremos tratar das formas que a liberdade poderia ser adquirida, se desvinculando das visões tradicionais⁴. Logo após será de grande importância abordar acerca dos desafios enfrentados por elas, apresentando então como os meios legais eram utilizados contra essa parcela da população.

Continuando, como afirmado anteriormente é muito comum ouvirmos de várias vertentes historiográficas que o processo de conquista da alforria foi marcado por relações de cunho sexual. Indo ainda mais adiante, tal perspectiva ajuda a enraizar um argumento muito propagado até hoje: o da miscigenação pacífica. Entretanto segundo Ariza (2018), ao pesquisarmos mais

³ Entre 1820 e 1840, as referências ao reprochável comportamento o das mães das crianças trabalhadoras surgem de forma transversal nos documentos judiciais que dão conta da arregimentação formal e de disputas em torno de arranjos informais de trabalho, envolvendo menores de idade. Menções a mulheres miseráveis, violentas e interessadas em explorar o trabalho dos filhos em seu próprio benefício surgem de forma dispersa e fragmentária em petições e denúncias encaminhadas ao Juízo por pleiteantes aos cargos de tutores e contratantes, bem como por autoridades públicas, como delegados e curadores de órfãos. (ARIZA, 2017, p. 43)

⁴ Chama a atenção, na reunião desses breves exemplos de financiamento da alforria de mães e filhos, o caráter essencial assumido pelo trabalho árduo, a habilidade de acumular pequenas economias e arranjar-se crédito nos projetos de emancipação femininos e familiares [...] Não obstante, certo olhar historiográfico que identifica a manumissão de mulheres escravizadas e seus filhos a arranjos de natureza íntimo-sexual entre cativas e senhores (ARIZA, 2018, p. 3)

a fundo poderemos observar que além dos dispositivos legais, como por exemplo a lei nº 2.040 (lei do ventre livre), muitas negras alforrias recorriam ao trabalho⁵, posteriormente juntando dinheiro até conseguir a quantia exata para a emancipação dos seus entes.

Ao tentar a liberdade através de meios financeiros muitas mulheres, devido a criação de grandes dividas para a compra de liberdade, permaneciam atreladas a figura dos seus antigos proprietários até que as dividas fossem pagas. Tal mecanismo acabava por ocasionar muitas fugas, como diz a Ariza (2018). Segundo a autora, é comum observar em jornais e documentos de São Paulo durante o século XIX, muitos informativos sobre cativos fujões, sendo no interior do estado a maioria desses casos.

Prevendo empecilhos semelhantes aos enfrentados por Amancia, que obstavam a possibilidade de se manterem unidas aos filhos, e talvez calculando também o pesado fardo de dívidas assumidas com a compra de alforrias, algumas mulheres fugiam tão logo se tornavam libertas, carregando consigo rebentos que continuavam atrelados pela lei a seus antigos proprietários. (ARIZA, 2018, p.8)

Muitas das vezes ao ser refugiarem nos centros urbanos juntamente com seus filhos, essas mulheres passavam por problemas financeiros e essa situação abria brecha para que a lei de tutela pudesse entrar em ação. Tal sistema se baseava no pressuposto que quando a mãe era vista como incapaz de oferecer uma infância e adolescência digna para seu filho, alguém com as devidas condições poderia tomar seu filho, no intuito de oferecer uma “vida estável”. Fica perceptível, ao olhar os documentos e época, que tal manobra não passava de uma tentativa do sistema manter a população negra em uma posição de inferioridade. (ARIZA, 2018)

Logo a baixo, poderemos ver um trecho do texto de Marília Ariza (2018), onde ela narra um processo judicial entre uma mãe e seu ex-senhor, que tem por desejo tomar sua filha e tutelar ela. Marília afirma:

Sublinhando a incapacidade materna de Lucrecia, Dias prontamente oferecia-se como alternativa adequada aos melhores interesses da menor, propondo-se a assumir os encargos de seu tutor e contratante. Reforçavam o caráter pretensamente desinteressado e caridoso de sua proposta a concessão da alforria gratuita a Margarida, bem como a transformação do pecúlio amealhado por sua mãe em poupança a beneficiá-la futuramente. Nas

⁵Aproveitando-se desse dispositivo, Pulcheria amealhara a soma de 200 mil réis que peticionava serem depositados junto à Tesouraria da Fazenda, de modo a iniciar-se o processo de emancipação dos filhos. Outro era o caso da liberta Benedicta Maria da Conceição, cujo filho Antonio, contando 19 anos em 1887, não poderia usufruir as prerrogativas dos nascidos de ventre livre. No intuito de auxiliá-lo a forrar-se no futuro, Benedicta procurava constituir um modesto pecúlio de 150 mil réis, depositados em caderneta de poupança em nome de Antonio (ARIZA, 2018, p.3)

entrelinhas de seu discurso, porém, lê-se claramente que a manumissão oferecida à filha de Lucrecia nada tinha de efetivamente incondicional. Libertando-a e em seguida engajando-a como tutelada, Dias teria poder sobre a menor até que ela completasse 21 anos, sem que sua mãe ou quaisquer abolicionistas seus defensores pudessem recorrer à justiça para emancipá-la – uma vez alçada à liberdade formal, estaria submetida às normas que regiam a tutela dos menores de idade, e estas garantiam amplo espaço para a apropriação da mão de obra de crianças e jovens livres e pobres, filhos de mães supostamente inadequadas. (ARIZA, 2018, p.4)

Em sua tese, a Maília Ariza (2017) pontua que até o início de século XX as mulheres pobres e que não fossem formalmente casadas, eram legalmente consideradas invalidas para cuidar dos seus filhos. Tendo isso em vista, a única saída seria levar a criança para um orfanato ou conceder sua tutela a alguém. Podemos então observar que mesmo após a abolição da escravidão alguns pressupostos escravocratas permaneceram evidentes, sendo extintos após quase trinta anos.

Outro ponto muito interessante é o fato de não termos registros de homens lutando pela alforria e tutela dos seus filhos. De antemão, se faz necessário afirmar que no geral as relações entre mulheres e homens negros eram consensuais e dessas uniões surgiam crianças. Infelizmente a realidade diária com ambientes insalubres e pobres levavam os dispositivos legais a tomar esses menores do seio familiar. No geral, alguns registros mostram que as mães dessas crianças estariam em uma dessas duas possibilidades: ou ela era viúva ou mãe solteira. E isso explicaria a pouca quantidade de fontes que mostrem os homens lutando pela tutela dos seus filhos (ARIZA, 2018)

Eram majoritariamente mulheres sós, unidas em relações consensuais, porém ilegítimas e muitas vezes breves, das quais resultavam filhos pelos quais eram elas as únicas responsáveis¹⁵. Sendo assim, de modo geral, os nomes das mães aparecem solitários nos autos, sem menções adicionais aos pais dos filhos que a Justiça procurava lhes tomar. Alguns documentos referem-se aos pais dos menores arregimentados, e não raro indicam a existência de pais e mães que aparentemente haviam vivido em uniões consensuais – a maior parte deles falecidos. Ainda assim, em se tratando das famílias dos pequenos e jovens assoldados e tutelados da cidade, pode-se dizer com segurança que eram, em sua maioria, filhos de mulheres sós. (ARIZA, 2017, p. 42)

Mas, mesmo diante de tantos impasses essas mulheres, possuíam algumas manobras para burlar sistema de tutela e soldadas. Ariza (2018) afirma que muitas delas, diante da desfavorável condição financeira, buscavam algumas alianças com pessoas próximas e que

tivessem condições de bancar a tutela dos seus filhos. Era uma última manobra para tentar manter suas crianças por perto, já que por si próprias não conseguiriam com tanta facilidade⁶.

Algumas delas, a exemplo do que ocorria às mulheres empobrecidas chefes de família de forma geral, procuravam na formação de alianças com antigos senhores ou novos patrões uma medida de acomodação que contemplasse a expectativa de preservar seus laços com os filhos e mantê-los, tanto quanto possível, próximos de seus cuidados, ainda que dentro de estreitas margens de autonomia. (ARIZA, 2018, p. 6)

Por fim, o assunto sobre as mulheres negras (escravas ou livres) durante o século XIX é muito extenso e precisaríamos de muitas laudas para dissertar de forma minuciosa sobre o tema. O intuito aqui é mostrar o ambiente em que a Teodora estava inserida e como a mentalidade da época influenciava em sua vida. Expor como as Mulheres negras eram vistas por uma sociedade que observava se exaurindo um dos seus privilégios e tentavam de alguma forma manter seu poder.

Podemos imaginar que a família de Teodora foi separada devido a um processo parecido com o apresentado aqui e que ela tentava de alguma forma conseguir a alforria para seus entes e para si, com o sonho de reunir todos mais uma vez. Vemos durante a leitura da HQ que assim como mencionado nesta análise historiográfica, Teodora lutava já em sua velhice pela liberdade e alforria dos seus. Essa luta possui assim muitas engrenagens, seja financeira ou por meio de cartas e auxílio de uma rede de negros que se ajudavam. A HQ nos apresenta a diversidade de estratégias criadas por uma negra já idosa para conseguir ser liberta.

9 HQ E SEUS USOS COMO FONTE E OBJETO HISTORIOGRÁFICO

O Presente tópico tem como premissa demonstrar como as narrativas em quadrinhos podem servir a historiografia, enquanto um grande artefato de pesquisa. Portanto, primeiramente tentaremos abordar como as HQs são recheadas de significados e subjetividades, sendo assim como uma espécie de espelho que toma contornos ficcionais da realidade. Logo em seguida iremos mostrar quais as possíveis modalidades que podemos encontrar suas narrativas.

⁶ Em 1888, passados poucos meses da abolição, Maria, que seguia vivendo em casa de seu ex-senhor junto aos filhos, recorria a esse expediente para impedir que a filha Paula, de 14 anos, se empregasse em casa de terceiros. Os motivos que a levavam a arranjar-se aos serviços de outros patrões não são explicados, sendo tão somente resumidos no recorrente argumento da “sedução de me-nores”, largamente utilizado por mães e empregadores de menores em disputas judiciais (ARIZA, 2018, p. 6)

Já em um segundo momento, buscaremos delimitar quais as formas de utilizar historiograficamente as HQs e quais as possibilidades que possuímos ao analisar elas. Buscando então apresentar as peculiaridades a partir do momento que as tomamos como o objeto da pesquisa. Ou quais as qualidades e possibilidades que podemos ter quando adotamos essas narrativas ilustradas como uma fonte histórica.

Em primeiro lugar devemos pensar qual a influência das HQs e como elas tem o poder de nos mostrar o passado de forma totalmente ficcional e lúdica. É importante salientar que as historinhas em quadrinhos foram por muito tempo consideradas um tipo de arte sem glamour, surgindo com mais força no início do século XX e atingindo primeiramente as classes mais abastardas. Dito isso, essas representações artísticas, como o próprio nome diz, são caricaturas de como seus autores veem o mundo ou ideias que eles têm a partir da realidade em que estão inseridos, sendo assim um produto da vivência em sociedade e uma representação.

Como as HQs são formas de expressão visuais-narrativas, elas podem contar histórias – histórias totalmente inventadas, que nunca aconteceram, ou histórias no outro sentido [...] Como a HQ é um poderoso recurso de comunicação e de expressão, ela pode se tornar um importante agente histórico, capaz de contribuir para mudar os rumos da história. (BARROS, 2023, p. 4)

Ao afirmar que as HQs são uma forma de representação da realidade é possível imaginar que dentro delas existam relações sociais muito parecidas com as que ocorrem na vida real. José de Barros (2023), afirma que é possível analisar as histórias em quadrinhos a partir dos seus personagens, que são dotados de motivos, onde ao demonstrar essas vontades as relações de poderes, contrapoderes e micropoderes se tornam explícitas.

Vamos tomar como exemplo os Quadrinhos do *Capitão América*, um super-herói que ganhou poderes ao ser voluntário em um experimento – onde corria risco de vida – movido por um sentimento patriótico pelo seu país, o Estados Unidos. Nesse caso, segundo Barros (2023) tal narrativa pode ser observada enquanto um agente histórico, visto que o momento de criação da obra era de instabilidade política mundial, principalmente entre EUA e a URSS. Sendo assim, a narrativa visava alimentar o patriotismo nas crianças formando então cidadãos que da mesma forma que o *Steve Rogers* (identidade original do Capitão América) tivessem a coragem de dar suas vidas em nome da pátria.

Quando pensamos em alguns exemplos desde a primeira metade do século anterior, torna-se muito fácil perceber que as HQs são agentes históricos – isto é, que os quadrinistas e os personagens que eles produzem criativamente

podem se tornar sujeitos capazes de interferir na história, ou, de outra parte, serem instrumentalizados para interferir na história. Poderes, contrapoderes e micropoderes diversos podem se apropriar das HQs como instrumentos bastante eficazes para seduzir, manipular, comover, mover, alienar ou conscientizar as massas de leitores que as lêem (BARROS, 2023, p. 4)

Quando observamos as HQs enquanto uma representação da realidade é preciso também delimitar como poderemos classificar essas obras enquanto representações historiográficas de determinado período. Segundo Barros (2023), podemos classificar de algumas formas a narrativa das histórias em quadrinhos, a primeira seria algo ficcional apenas com um pano histórico, ou melhor dizendo, contextualização histórica e com mais liberdade ficcional, denominamos essa de “HQ – História de Ficção”. Como exemplo dessa Modalidade temos o *Incrível Hulk*, personagem que remonta a época da guerra fria e do avanço tecnológico armamentista.

A história do *Gigante esmeralda*, possui muitas camadas, mas as principais são: a relação de protagonista com seu pai abusivo e o fundo histórico onde o personagem foi inserido. Primeiramente, é importante apresentar como a narrativa possui apenas o fundo histórico da corrida armamentista e podemos notar como o autor consegue a partir de uma simples premissa criar todo um universo para o personagem, partindo assim para a parte criativa.

Outro ponto bem importante é a relação entre Bruce e seu pai, um homem abusivo e que deixou muitos traumas no Herói, sendo o principal deles: tirar a vida da sua mãe, quando o Bruce era apenas uma criança, além dos abusos físicos e psicológicos. O *Hulk* não é apenas um produto da radiação, mas também a representação dos traumas de Bruce, são os monstros dentro do cientista que estão adormecidos, suas vontades e desejos suprimidos ainda na infância. Dito isso, os quadrinhos do herói não são só uma história jogada e cheia de ficção, mas uma representação da realidade, época e das relações humanas.

Já quando falamos das Narrativas históricas em forma de HQ, tratamos de observar um trabalho muito mais cuidadoso pois servirá como uma espécie de análise historiográfica em forma de HQ, fugindo assim de um âmbito mais ficcional. Tal modalidade necessita de pesquisas prévias e acesso a fontes historiográficas para deixar a representação ainda mais próxima da realidade. Um grande exemplo de uma obra que segue esse padrão é *Angola Janga* (2018) de Marcelo d'Saete e vencedora do prêmio Jabuti. Tal obra pretende tratar da história de Zumbi dos Palmares, Dandara e outros negros que foram resistência contra escravidão. Segundo José de Barros:

O desafio maior em realizações como esta última, que classificáramos no quadro proposto como ‘análise historiográfica em forma HQ’, é o de transpor, de maneira simultaneamente adequada e interessante, a linguagem típica do ensaio historiográfico – mais analítica – para a linguagem-HQ. Enquanto isso, já a ‘narrativa historiográfica’ propriamente dita encaixa-se mais com o que já é habitual nas HQs: o desenvolvimento de um discurso narrativo que desfia uma história que pode ser lida em fluxo direto pelo leitor da HQ. (BARROS, 2023, p. 14)

A última modalidade abordada aqui no trabalho, e será aqui onde *Mukanda Tiodora* mais se enquadra: a exposição-HQ de fontes históricas. Segundo Jose de Barros (2023) o autor pode dramatizar utilizando fontes históricas e apresentar elas em suas HQs, as expondo como uma espécie de ferramentas de pesquisa para os quadrinhos: “Quis me referir, com esta expressão mais sintética, à possibilidade de o quadrinista ou o historiador expor fontes históricas com recursos HQ, ou ainda de dramatizar fontes históricas, se for o caso.” (BARROS, 2023, p. 15)

Marcelo d’Salete usa muito dessa modalidade em sua obra, primeiramente ele nos apresenta uma narrativa com base em cartas reais feitas pela Teodora para o seu marido. Essas cartas servem tanto como inspiração artística quanto como fonte histórica para o autor elaborar e organizar suas ideias. Mais para o final da HQ, em seus conteúdos adicionais, podemos ver imagens das cartas reais, transcrições e explicações dadas pela professora Cristina Wisenbach. Poderíamos ir ainda mais longe e falar que *Mukanda Tiodora* se enquadra tanto em uma narrativa histórica em forma de HQ, quanto exposição-HQ de fontes históricas.

Além das modalidades que as HQs podem fazer parte, elas também servem como objeto ou fonte histórica. Primeiramente trataremos delas como objetos históricos e como podemos usufruir da melhor maneira utilizando-as partindo desse pressuposto metodológico. Já em um segundo momento, iremos observar como as narrativas podem tomar contornos diferentes e serem utilizadas como fonte histórica.

Segundo Jose de Barros (2023), ao ser utilizada como objeto histórico devemos seguir alguns rumos primeiro e decidir qual será nosso artefato de análise. Digamos que determinado pesquisador (A) deseja observar como era a sociedade estadunidense da década de 1960 e para isso ela recorra as HQs do *Quarteto Fantástico*. Ao analisar esses quadrinhos o pesquisador (A) chega à conclusão que era um período de avanço tecnológico e militar, onde se concretizou a

ida do homem à lua⁷. Dito isto, para observar a sociedade daquela época ele recorreu a um objeto presente naquela história, a representação da sociedade que vivia o auge do desenvolvimento tecnológico e armamentista.

Prosseguindo, explorando agora os Mangás japoneses tomemos como exemplo o *RE-Life*, que conta a história de um jovem de 27 anos, que não conseguiu lograr sucesso na carreira profissional e acaba recebendo uma proposta inusitada: tomar um medicamento milagroso que o faz voltar a ter 17 anos, com o intuito que retorne ao colegial e consiga reconstruir muitas de suas características que focaram esquecidas. Ao fim desse desafio, caso ele consiga bater algumas metas, lhe será dado um emprego e assim voltará ao normal.

Apesar da premissa bem simples e até mesmo fantasiosa, o mangá *RE-Life* traz temas bem complicados sobre a sociedade japonesa e como eles podem afetar o psicológico das pessoas. Dito isso, digamos que o pesquisador (B) decidiu observar como o mangá retratou o mundo corporativo do Japão e como a busca por metas pode fazer com que pessoas e colegas de trabalho venham a agir de forma questionável. Já o pesquisador (X) decidiu analisar o mundo estudantil e como esse âmbito escolar, cheio de descobertas e mudanças, pode afetar a mente dos jovens os levando a desenvolver problemas psicológicos como depressão e ansiedade. Portanto podemos notar que apesar de ser a mesma obra, os objetos de análise diferem.

Neste caso, podemos lembrar mais uma vez que – quando falamos na HQ como objeto histórico – estamos nos referindo ao que a HQ nos oferece como possibilidades temáticas para aqueles que estão interessados em estudar diretamente a HQ, como um fim em si mesmo. (BARROS, 2023, p. 18)

Não obstante, quando nossas investigações sobre determinado tema usam gibis como apenas mais um artefato de pesquisa, ele tomará a função de fonte, pois não é o produto central e único da análise. Por exemplo, ao pesquisar sobre os impactos do avanço da IA (inteligência artificial) segundo uma perspectiva historiográfica atual, o pesquisador (Y) recorre ao quadrinho *Matrix* (2009), uma narrativa que mostra como a IA (inteligência artificial) na realidade da HQ foi destrutiva e acabou subjugando a humanidade.

Dessa forma, ao observar a narrativa podemos chegar a mentalidade da época pois como visto no exemplo anterior, por mais que muitas pessoas aceitem o avanço tecnológico esse

⁷ O *Quarteto fantástico* surge quando os 4 amigos, *Reed Richards*, *Sue Storm* e *Bem Grimm* fazem uma viagem ao espaço em um foguete. Entretanto, durante a viagem a nave passou por uma chuva de raios cósmicos, alterando o DNA dos quatro amigos e os dando superpoderes.

número não é uma totalidade, visto que outras já vislumbram tal tema com um certo receio. Jose de Barros afirma em seu texto: “Podemos, através das realizações-HQs específicas [...] estudar coisas diversas, que não necessariamente a própria HQ em si mesma. A política ou a economia de uma sociedade, ou a sua cultura, os modos de pensar de seus habitantes” (BARROS, 2023, p. 23)

Em suma, podemos observar a partir desses temas abordados no tópico atual, que as HQs podem ser utilizadas a princípio como objeto ou fonte. Como objeto nós iremos analisar a HQ como um elemento de começo, meio e fim. Já como fonte, a HQ será apenas um artifício a mais na pesquisa para tentar entender as mentalidades, subjetividades e mecanismos presentes em determinados contextos. Partindo para as modalidades, de acordo com cada uma teremos abordagens diferentes, seja algo mais ficcional e com fundo histórico ou uma narrativa mais fiel e preocupada em retratar a realidade.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, como o trabalho aqui apresentado se trata de uma análise historiográfica, algo que se distingue metodologicamente de uma pesquisa, as resoluções apresentadas serão entorno dos aspectos já abordados antes por nós. Primeiramente gostaríamos de retornar o ponto chave da HQ, que é a demonstração de como as mulheres negras durante o século XIX conseguiram desenvolver manobras para sobreviver, mesmo em meio ao sistema que cotidianamente as reprimia. Dito isso, a História em quadrinhos Mukanda Tiodora consegue remontar um cenário bem fiel sobre a cidade de São Paulo oitocentista, além de narrar os fatos sobre a Teodora.

Além disso fica perceptível a importância das HQs (algo abordado no penúltimo tópico) enquanto fonte e objeto para pesquisas historiográficas, além de termos apresentado a importância dessas narrativas enquanto representações da realidade. Portanto, isso corrobora para o nosso trabalho, pois valida o nosso objeto de análise. Desenvolvemos também os referenciais teóricos e sobre a realidade das mulheres negras, fossem elas livres ou escravas durante o século XIX, mais precisamente na capital paulista.

Sobre o referencial teórico, podemos concluir primeiramente que: os negros possuíam sim muitas formas de lutar contra a escravidão, e isso nós afirmamos com base nos textos: *Sonhos africanos, vivencia ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888)* e o *Segundo Teodora dias da cunha construindo um lugar para si no mundo da escrita e da escravidão*, da Maria Cristina Wissenbach. Aprofundado então nesse tema e indo para as conclusões sobre a

realidade feminina, conseguimos observar que o momento de transição entre cativeiro e liberdade, década 1850 até 1880 será de muitas conquistas, como: A Lei nº 2040 e a abolição da escravidão (Lei nº 3.353). Entretanto, tais aparatos legais não conseguiram, em primeira estância, acabar com todos os mecanismos do sistema escravista, pois surgiram outros modos da elite branca manter – mesmo que por pouco tempo – seu domínio sobre a população negra.

Em síntese, acreditamos que conseguimos analisar de maneira prática cada aspecto sobre a obra do Marcelo d'Saete, podendo assim traçar um fio que nos conecta com a obra e realidade, com o passado ou o presente. Quando tratamos do passado, conseguimos observar toda a luta das mulheres negras para proporcionar uma vivência digna para seus entes, além da luta para reunir suas famílias que eram separadas pelo comércio de escravos.

Já ao observar o presente conseguimos reparar, mesmo após 100 anos da abolição, a presença de algumas engrenagens repressivas, lógico que com uma nova roupagem e com discursos atualizados. Seja em uma lei contra cotas, em uma tese que tenta minimizar os efeitos da escravidão ou no boicote contra professores que desejam aplicar didáticas de ensino voltas para os temas afro-brasileiro. Assim como Teodora por meio das cartas tentou lutar por si e pelos seus, ainda é preciso lutar contra o sistema que mesmo após mais de um século busca reprimir e assim sufocar a população negra.

Fontes

D'SALETE, Marcelo. Mukanda Tiodora. 2022.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Leonor Franco. **A Lei 10639 e sua maior idade.** Há o que se comemorar? Revista Docência e Cibercultura, v. 5, n. 2, maio-ago, 2021.

ARIZA, M. B. **Mães libertas, filhos escravos:** desafios femininos nas últimas décadas da escravidão em São Paulo. *Rev. Bras. Hist*, São Paulo, v. 38, n. 79, p. 151-171, 2018.

ARIZA, Marília Bueno de Araújo. **Mães infames, rebentos venturosos:** Mulheres e crianças, trabalho e emancipação em São Paulo (século XIX). [Tese de doutorado], Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

BARROS, Celso Rocha de. **Cartas para a liberdade - Quatro cinco um.** Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/resenhas/literatura-negra/cartas-para-a-liberdade>. Acesso em: 3 fev. 2024.

BARROS, José D.'Assunção. **HQ-História:** As relações da HQ como agente histórico, meio de representação da História e objeto histórico. *Antíteses*, v. 16, n. 31, p. 397-427, 2023.

FREYRE, G. **Casa-Grande e Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Editora Global, 2003.

SILVA, M. M. da. 20 anos da lei 10639/03: **insurgências e rupturas no ensino de história.** *Revista História Hoje*, v. 12, n. 25, 2023.

VERONESE, Josiane Rose Petry; KONRATH, Ângela Maria. **Direito e literatura:** Espelhamentos. 1. ed. Florianópolis - SC: Emais, 2022. 1 - 317 p.

WISSENBACH, M. C. C. **Teodora Dias da Cunha:** construindo um lugar para si no mundo da escrita e da escravidão. In: XAVIER, G.; FARIAS, J.; GOMES, F. *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-Emancipação.* São Paulo: Selo Negro, 2012.

WISSENBACH, Maria Cristina. **Sonhos africanos, vivências ladinas:** escravos e forros em São Paulo (1850-1880). São Paulo: Hucitec/História Social USP, 1998.

Referências Eletrônicas

BORGES, Thiago. **A força dos rostos em “Mukanda Tiodora”, de Marcelo D’Salete.** Disponível em: <https://oquadroeorisco.com.br/2023/02/01/a-forca-dos-rostos-em-mukanda-tiodora-de-marcelo-dsalete/#:~:text=Aí%20entra%20D'Salete.,as%20subtramas%20e%20temas%20abordados>. Acesso em: 3 abr. 2024,

D'SALETE, Marcelo. **Marcelo D'Salete | desenho | ilustração | quadrinhos | art | drawings | comics | illustration | Cumbe | Encruzilhada | Noite Luz.** Disponível em: <https://www.dsalete.art.br/>. D'SALETE Acesso em: 3 abr. 2024.

D'SALETE, Marcelo: HQ de raça e luta. 20 nov. 2021. 1 vídeo (64 min 39 s). Publicado pelo canal TV 247. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kMCKtTIddHY>. Acesso em: 3 abr. 2024.

FLORO, Paulo; FIGUEIRÔA, Alexandre; MACHADO, Laura. **Os Melhores quadrinhos de 2022 - Revista O Grito! — Jornalismo cultural que fala de tudo.** Disponível em: <https://revistaogrito.com/os-melhores-quadrinhos-de-2022/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

HOREGLAD, David. **Mukanda Tiodora de Marcelo D'Saete - O Ultimato - Ultimato do Bacon.** Disponível em: <https://ultimatodobacon.com/mukanda-tiodora-de-marcelo-dsaete/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

MADEIRO, Carlos. **Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos.** 13 nov. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm>. Acesso em: 4 abr. 2024.